Warte!

Biblioteca

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS Director António Dias Lourenco



13 de Março de 1975 Ano 45—Série VII—N.º 48 Preço: 4\$00 Angola e Moçambique: 9\$50

CENTROS

Propriedade do Partido Comunista Português * Red. / Adm. - Av. Santos Dumont, 57-3.° - Tels. 769705-769744-769751-779828 * Imp. e Comp. - Soc. Nac. de Tipografia, S. A. R. L. * Distribuição - Distribui

WEATO POPULAR BARRARAM O CAMINHO A REACÇAO



OITO HORAS DEPOIS DOS PRIMEIROS TIROS DA INTENTONA FASCISTA, MILHARES DE PESSOAS DESCIAM A AVENIDA DA LIBERDADE MANIFESTANDO O SEU APOIO AO M.F.A. A MEIO DA TARDE, NA SUA PRIMEIRA EDIÇÃO ESPECIAL «AVANTE!» AFERMARA: «A REACÇÃO NÃO PASSARÁ PORQUE É DE AÇO A MURALHA QUE O POVO E OS SOLDADOS ERGUEM FACE AO FASCISMO E À DITADURA!»

Os factos impõem, no imediato: 1) a responsabilização e o castigo exemplar dos conspiradores da tentativa do golpe do 11 de Março; 2) um mais profundo saneamento em todo o aparelho do Estado, civil e militar; 3) a reorganização das forças militarizadas; 4) um decisivo impulso à política antimonopolista e antilatifundista; 5) medidas imediatas para contenção dos preços e para actualização de salários

Nota da Comissão Política

É NECESSÁRIO MA HANNA FACTUANTE WIGHTARCIA POPULAR

Uma vez mais, no dia 11 de Março de 1975, a outras acções militares de menor envergadura. a sua aplicação.

A tentativa de golpe falhou, graças à pronta e decisiva acção do Movimento das Forças Arma- tico é indispensável o apoio firme e dedicado do Podas e à gigantesca mobilização popular que, em vo Português à situação democrática e o seu trabapoucas horas de Norte a Sul do País, paralisou lho entusiástico e criador. Isso só pode ser alcanquaisquer iniciativas fascistas e deu poderoso cado desde que haja uma resposta aos grandes apoio às Forças Armadas.

Povo Português sobre aqueles que querem liquidar as liberdades e fazer regressar Portugal ao de pôr em prática a sua própria política. passado fascista. As grandes manifestações populares que hoje mesmo tiveram lugar por toda a parte testemunham a consciência que tem o Povo Português de que, com esta nova derrota da reacção, se podem dar novos passos em frente para a construção de um Portugal democrático.

Não há ainda informações bastantes que permitam fazer uma ideia exacta do âmbito da conspiração e de todos os elementos conluiados. Uma coisa é certa: esta nova tentativa de golpe contra-revolucionário deve-se, em parte, à insuficiência do aparelho de segurança e à excessiva complacência com que, desde o 25 de Abril, têm sido tratados os conspiradores.

Tal complacência não pode, desta vez, repetir-se. O Povo Português pretende construir a democracia, sem a incerteza e a intranquilidade que resultam da impunidade das actividades contra--revolucionárias.

É necessário que desta vez sejam apuradas ramente punidos.

semanas. O PCP preveniu e insistiu em que a cam- democráticas, assim como o reforço da aliança panha anticomunista, o acréscimo da sabotagem económica, a vaga de calúnias, violências e pro- ças Armadas. vocações, os golpes de mão em escolas, sindicatos e autarquias, a agudização artificial de conflitos momento é particularmente favorável ao reforço sociais, a tentativa de paralisar pela greve sectores dessa unidade e dessa aliança. importantes da vida económica se inseriam num processo de deterioração da situação social e polí- alcançado. tica, preparando terreno para um golpe reaccionário. Os factos aí estão para comprovar a razão da 6.

rioração da situação não só podem diminuir gra- Alguma coisa falhou no plano e isso significa que vemente a vitória sobre a reacção, como podem houve conjurados que, por qualquer razão, não criar no imediato novas dificuldades ao processo entraram em acção. democrático.

e destruições anárquicas que, hoje, 11 de Março, lância popular, ao lado do Movimento das Forças praticadas à sombra da luta contra a reacção, só Armadas, apara impedir qualquer surpresa. à reacção podem servir.

O PCP pronuncia-se firmemente pelo respeito da ordem democrática e pela adopção de firmes medidas contra aqueles que, desrespeitando-a, A COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL põem em perigo a própria democracia.

Uma vez mais, no dia 11 de Março de 1975, a reacção tentou um golpe, conseguindo desta particularmente favorável para o próprio A contra-revolução tem encontrado terreno vez lançar um ataque de forças armadas aéreas e desenvolvimento em certas contradições, hesitaterrestres contra uma grande unidade militar, o ções e debilidades na política do Governo e no Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1, além de funcionamento de departamentos aos quais cabe

Para a construção de um Portugal democráproblemas que tocam as massas populares e que Trata-se de mais uma grande vitória do o Governo e a Administração, pela sua composição e capacidade operativa, estejam em condições

A derrota da reacção no 11 de Março, para que dela saia verdadeiramente reforçada a situação democrática, exige que se dê um decisivo impulso progressista à política portuguesa.

Os factos impõem, no imediato: 1) a responsabilização e o castigo exemplar dos conspiradores da tentativa do golpe do 11 de Março; 2) um mais profundo saneamento em todo o aparelho do Estado, civil e militar; 3) a reorganização das forças militarizadas; 4) um decisivo impulso à política antimonopolista e antilatifundista; 5) medidas imediatas para contenção dos preços e para actualização de salários.

A reacção não se vence apenas com medidas de contenção, mas também com medidas económicas e sociais.

O dia 11 de Março evidenciou uma vez mais e povo que ao som de vique o principal inimigo dos portugueses é a brantes «slogans» manifes-

Para o sucesso na luta contra a reacção e responsabilidades e os conspiradores sejam seve- pela construção de um Portugal democrático, é indispensável o isolamento de actuações divisionistas e desagregadoras e o reforço da comunida-Muitas lições haverá a tirar dos acontecimen- de das forças populares em todos os sectores, da tos, tanto do dia de hoje, como das últimas unidade dos trabalhadores, da unidade das forças do movimento popular com o Movimento das For-

Pelas licões que o 11 de Marco comporta, o

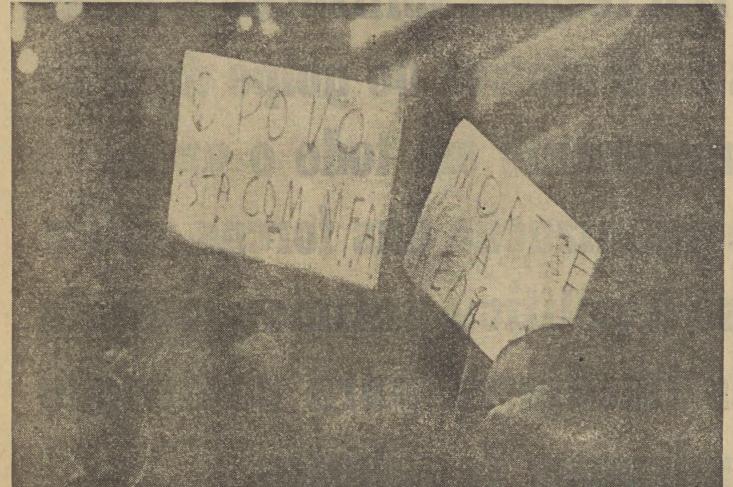
O PCP tudo fará para que este objectivo seja

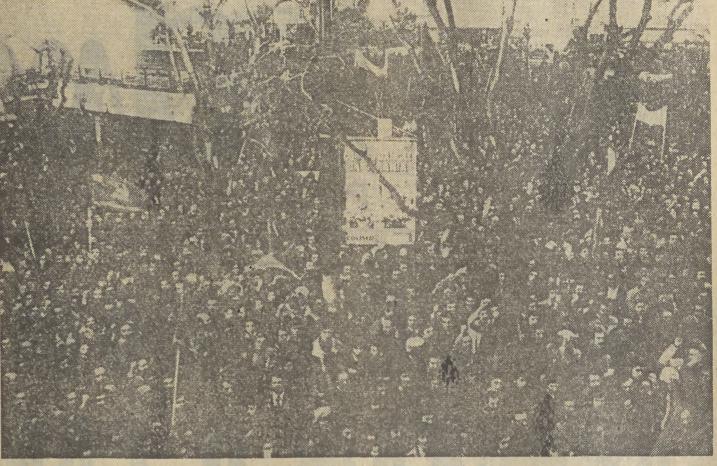
A tentativa de golpe do 11 de Março foi der-tado. Mas não é de crer que a conspiração O prosseguimento destes factores da dete- abrangesse apenas os responsáveis já conhecidos.

A reacção tem ainda força e possibilidades. O PCP condena firmemente certas violências É necessário manter bem viva e actuante a vigi-

11 de Março de 1975.

DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS





Um aspecto do Rossio quando milhares de trabalhadores se manifestavam contra a reacção

111153311

do que nunca a unidade foi Rossio teve desde logo o UJC e Intersindical.

caminho da vitória. Convo- forjando unidade, essa força as ruas de Lisboa. Gente do cação do Presidente Costa cada pelo PCP, a grandiosa invencível que tantas vezes povo, dos mais diversos sec- Gomes ao País, saudada no manifestação que durante ameaçada por disputas par- tores de actividade, elevada final por uma vibrante salva três horas desfilou até ao tidárias que é necessário vencer, que as «bases» já venapoio de outros partidos de- ceram um pouco ao daremmocráticos e forças progres- -se as mãos, ao unirem as sistas, nomeadamente o PS, suas bandeiras, ao gritarem MDP/CDE, MES, FSP, UEC, em uníssono «a vitória é difícil, mas é nossa» e «na Foi um mar de bandeiras unidade o caminho da vitó-

Eram muitos os carros curso, antes pelo contrário,

11 de Março de 1975, 20 e a integrarem-se na batalha ro. Com os carros na van- -se durante alguns minutos horas, Campo Pequeno. Mais comum do Povo Português. guarda, muitos milhares de num silêncio impressionante Comemorou-se a vitória manifestantes percorreram a fim de escutar a comunipercentagem de mulheres — de palmas e por entusiastialgumas com filhos ao colo cos gritos de «Vitória, Vitó-- e muitos, muitos jovens ria!» Só cerca das 23 horas gritando a plenos pulmões a manifestação atingiu o Rosque «A reacção não passou, sio e a vasta praça foi pea reacção não passará».

> Nunca o entusiasmo enfraqueceu ao longo do per-

O grande ausente

do a estátua de D. Pedro. onde muitos deles se tinham empoleirado, militantes do MRPP munidos com as suas bandeiras (e não só...) invectivaram a passagem dos manifestantes automobilistas gritando que «o povo anda a pé». Curiosamente, foi o povo a pé que os eclipsou totalmente à sua passagem e gritando «Abaixo a reacção»; numa fracção de segundos as bandeiras do MRPP desapareceram e outras as substituíram, arvoradas bem alto ao som vibrante de «O povo unido jamais será vencido!» A passagem de algumas

quena para conter o mar de

gente que chegava. Rodean-

viaturas militares pelo Rossio em direcção à sua unidade foi, então, saudada por entusiásticos aplausos populares que uma vez mais vitoriaram o MFA.

Na manifestação integrarant-se os camaradas do CC do PCP, Jaime Serra, Dias Lourenço, Georgete Ferreira

e Albano Nunes. Depois de darem uma voltou uma vez mais o inequí- embandeirados, as camione- sempre reforçado por novos ta ao Rossio, os manifestanvoco e total apoio ao MFA, tas cobertas de dísticos e a «slogans» exigindo a punição tes quedaram-se em frente que expressou a firme deci- abarrotar de gente, chegadas dos traidores do povo, a to- do Hotel Metrópole, onde, na são das massas populares de de todos os pontos, anima- mada de medidas realmente varanda do primeiro andar, defender intransigentemente das do sentimento comum eficazes contra a reacção — os dirigentes políticos dos a liberdade democrática tão de reforçar cada vez mais «Morte à CIA», «Abaixo os partidos integrados na maa aliança do movimento po- monopólios» e «A banca é nifestação usaram da pala-Vindas de todos os lados, pular de massas com o MFA, do povo» foram alguns dos vra em breves improvisos, referindo-se ao profundo sig-Digno de registo, um «slo- nificado da importante jora reacção engrossavam a ma- se repetiu - «O povo está gan» alusivo ao PPD - o au- nada de luta que o povo porsente —, que, como se costu- tuguês acabava de viver.

No final, a multidão can-

Em Lisboa foram milhares. Serão milhões em todo rio comemorando a vitória, da», marcharam para o Ros- Pouco antes de chegar aos o País, em qualquer altura, os milhares de manifestan- sio, infatigáveis, plenas de Restauradores, a manifesta- a defender a aliança indes-



duramente conquistada.

nifestação, feita bloco sóli- com o MFA»! do de resistência e combarecusa popular aos expectadores da luta, gritando um «slogan» espontaneamente criado — «É muito feio ficar no passeio» —, convidando assim os mais hesitantes a abandonar a sua passividade

PARTIDO **PROLETARIO** DE NOVO TIPO

multidões plenas de euforia incansavelmente expresso na mais gritados. por mais esta vitória sobre palavra de ordem que mais

O som dos megafones di- ma dizer, parece ter caído tividade, expressão magnifi- luía-se nas entusiásticas vo- no goto dos manifestantes: tou o hino nacional. ca da união Povo-MFA. Im- zes populares que, entoando «Onde está o PPD? Está em buídos do ardor revolucioná- em coro o «Avante Camara- casa a ver Tevê». tes expressaram bem alto a alegria e confiança no futu- ção imobilizou-se e manteve- trutível Povo-MFA.



Militantes e simpatizantes do nosso Partido estveram na primeira linha da manifestação

MARCO DE

E 4 (C C 4 (0)

nitivamente.

meira e tímida tentativa do guesa. 28 de Maio, quando deixou Lisboa sem pão e sem Mas encontrou condições -se em forca para impedir transportes. Mas manobrou favoráveis para se reorga- avanços populares na luta para criar condições e em nizar. Recorreu à «ajuda contra os monopólios e o fins de Junho provocou a externa». Montou uma latifundio. Fabricou boatos crise que levou à queda do campanha de calúnias con-Governo de Palma Carlos. tra Portugal. Tentou criar Foi batida. Reorganizou-se, dentro e fora do País a levantou a cabeça, conspi- ideia de que o País mergurou com o general Spinola, Ihara no caos, de que esmontou a conspiração do tava à beira da bancarrota, 28 de Setembro. Sonhava de que o Exército «não com um golpe militar de obedecia mais», de que o direita, exigia publicamen- MFA estava dividido, de te uma ditadura. Retomou, que o nosso Partido conentão, a linguagem, os mé- trolava os meios de infortodos, a arrogância fascis- mação. Montou depois uma ta. Foi batida pelo movi- bem organizada provoca-

A reacção quebrou uma mento popular de massas e ção, usando como instru- tra homens das Forças Ar- síveis da conjuntura polí- os pára-quedistas que cer- com o Programa do MFA, térico que a vontade popu-

vez mais os dentes. Sofreu pelo MFA. Não conseguiu mento o Congresso do madas. Bombardeou o RAL tica. a sua maior derrota desde o abalar a aliança entre os CDS. Utilizou grupelhos 1, derramou o sangue de 25 de Abril. Mas não está dois componentes do pro- esquerdistas para lançar jovens soldados, obteve a esmagada. Se não for pri- cesso revolucionário. Essa estudantes contra estudan- cumplicidade de pilotos asvada do poder económico, aliança saiu fortalecida da tes, para boicotar comí- sassinos, tentou conquistar se não for privada dos po- jornada do 28 de Setem- cios, para desencadear a o Quartel do Carmo, com derosos meios de que dis- bro, da confraternização violência gratuita, para a ajuda de traidores da os golpistas da reacção, os fensiva a máquina contra- o MFA, contra o povo. A res. As suas organizações põe para sabotar o avanço entre as Forças Armadas e uma cadeia de ocupações GNR. E, em poucas horas, mercenários ao serviço da -revolucionária, não arre- agir como horda de bárba- lutam e vencem. Mas se todo processo democrático e o povo nas barragens e nas irracionais. Torpedeou o viu-se derrotada em todas reacção esperavam apanhar dando pé dos lugares onde ros, como uma associação das as forças e partidos revolucionário, voltará à praças públicas, nas gran- saneamento, investiu con- as frentes. Não passou! A o povo desprevenido. Es- a sua presença era neces- de criminosos e traidores. autênticamente democráticarga. E é preciso que seja des manifestações de mas- tra o primeiro-ministro, unidade do povo trabalha- peravam que a violência e sária. Estiveram na pri- Ao erguer-se em armas pe- cos reconhecem hoje essa esmagada totalmente, defi- sas que ficaram a assinalar publicou livros reaccioná- der, a vontade revolucio- o sangue amedrontassem meira linha do escudo pro- la volta a um passado de evidência, se a própria lma vitória e um novo avan- rics, lançou mão do pan-Foi derrotada na sua pri- co da Revolução Portu- fieto anónimo, inundou outra vez o País com propa- mais fortes do que eram disse a réplica do MFA. RAL 1, ameaçado pelas pelo ex-general Spinola, decisivo desempenhado pe-A reacção não passou. ganda fascista, mobilizou-

nária do movimento popu- os trabalhadores. Espera- tector formado pelos tra- opressão, os reaccionários prensa burguesa ocidental lar de massas são hoje há dois dias.

As advertências do PCP não foram ouvidas

O PCP na defesa da Democracia e da Revolução

Os assassinos da reacção. vam que a surpresa impe- balhadores em frente do civis e militares, guiados não ousa negar o papel sas ofereceu uma demons- ção. Confraternizaram com cias do PCP. Pode-se afirmar que a força, de organização, de soldados que se batiam pe- ra, extrair da vitória os en- lidade não tem encontra-

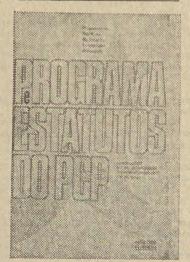
cavam o RAL 1, dialoga- ainda usava, hipocritamen- lar lhes dita.

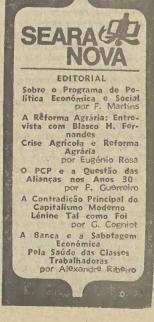
ram com eles, explicaram- te, a palavra democracia. É verdade que as res--ihes que haviam sido en- Agora, o desespero forçou- ponsabilidades do moviganados por oficiais fas- -a a mostrar a cara, a abrir mento popular de massas cistas, por traidores. Con- o jogo, a confessar que está e das estruturas por ele tribuiram para tornar ino- contra a liberdade, contra criadas são cada vez maio-Mas enganaram-se. O mo- metralhadoras dos helicóp- confirmaram todas as aná- lo movimento popular de vimento popular de mas- teros utilizados pela reac- lises, todas as advertên- massas no 28 de Setembro e no 11 de Marco, é tamtração impressionante de os oficiais, os sargentos, os Vencemos! Importa, ago- bém verdade que essa reaem série, inventou que o intentona fascista era es- unidade. O MFA confir- la democracia e pela Re- sinamentos que ela encer- do a sua expressão ao nível da intervenção do movimento popular de massas na condução da política do Geverno Provisório. A participação existe, manifesta-se com força crescente, não é contestada como elemento do processo. Mas, no aparelho de Estado, no conjunto de instituições responsáveis pela elaboração de uma política democrática e revolucionária, a representação das estruturas criadas pelo movimento popular de massas é mínima, exprime-se através de estreitos canais.

A reacção não passou. Sabemos que não passará, se voltar à carga. Mas permitir-lhe, novamente, que ela se reorganize para outra intentona fascista seria um erro imperdoável. Reconhecer ao movimento popular de massas, em todos os níveis, o papel que îhe cabe, pelo que é e tem feito pelo avanço da revolucão democrática e nacional, é hoje um imperativo do processo, uma necessidade inseparável do aprofundamento da sua aliança cada vez mais firme com o MFA.

Não podemos esquecer, cemo sublinha a nota da Comissão Política do CC

Vencemos, mas a vitória revolucionário, mais sensi- não foi definitiva. Para que vel após os confrontos pro- ela o seja, para que o inivecados pela própria reac- migo seja esmagado, cumção, introduziu mudanças pre entender a natureza importantes nas duas com- das modificações estrutulítica. Em situações graves são outras, mais ambiciomanhã, em que à metralha- mais revolucionários os ob-





RESPONSÁVFIS

General António Spínola General Rui Tavares Monteiro General Freire Damião Capitão-tenente Guilherme Alpoim Galvão Coronel Durval Serrano de Almeida Capitão-de-mar-e-guerra Costa Santos Capitão António Ramos Major Arantes de Oliveira Tenente-coronel Xavier de Brito Major Rosa Garoupa Major Carlos Pinto Simas Coronel Moura dos Santos Coronel Rafael Durão Coronel Espadinha Milreu Capitão Valério da Silva Capitão Almeida Coelho Tenente Antero Rebelo Tenente Oliveira Santos Coronel Martiniano Gonçalves Major Simões Pereira Major Ferreira Fernandes Major Teotónio Pereira

OFICIAIS PRESOS

Major Manuel Monge Major Casanova Ferreira Major Nuno Bivar Tenente-coronel Almeida Bruno Brigadeiro Morais Major Joaquim Mensurado Capitão Almeida Martins Capitão Sebastião Martins Capitão Bação Costa Lemos Tenente Levi Correia Coronel Calapez Martins

Tenente Barros

José Roquete

Manuel Couto

CIVIS PRESOS

lorge de Melo Orlando Mário Milhares Manuel Tainha Marecos Duarte Quirino dos Santos Mealha Thomas de Albino Rodrigues Ciriaco Joseph Tenreiro Theriaga Nuno Maria da Câmara Bermudes Luis Filipe Cardoso Passanha Guedes Amilcar Guerreiro Lagartinho João António Barradas José de Jesus Madeira Domingos Samorano Pina Francisco Montes Palma Pereira Eng.º Leal de Oliveira Dr. Fernandes Nunes Ribeiro José Dias Caranova Júnior Francisco Jesuíno Morgado da Silva Luís Arouca Dr. Vitorino, notário de Ferreira do Alentejo Lucífio Tomaz Marques loão Núncio osé Luciano Vilhena Capeto Dr. João de Sousa Costa Matos Brás lorge Espírito Santo Manuel Ricardo Espírito Santo José Maria Espírito Santo Comandante Ricciardi Carlos de Melo Maria Borges Coutinho Espírito Santo Silva

Setubal.

Forças Armadas. Conspirou coronéis, um tenente-coronel, sete majores e mais um

O estado-maior contra--revolucionário, a conjura dos monopólios, do latifúndio, da banca, dos generais fascistas readquiriu tanta confiança, tanta insolência que proclamou a vitória antes de se lançar na batalha. Anunciou o golpe na «Vanguardia» de Barcelona, na BBC de Londres, nas grandes cadeias de rádio dos EUA, na Imprensa reaccionária do Bra-

Festejou a ditadura ana força do movimento popular de massas, a coesão Chile.

grande vitória popular. A uma nova ditadura». reacção não passou. Foi bacalves - lançou homens visão inteiramente correcta povo trabalhador. Militan- ainda intrigava, ainda pre- rem fazer uma revolução

e não o foi. Finalmente, pe. Acusara os monopólios, ramilitares. lançou-se, quase à luz do os latifundiários, os colotugal.

das Forças Armadas con- dos desdobramentos previ- tes do Partido rodearam tendia estar identificada com o Povo - o papel his-

nosso Partido se opunha às perada. Só houve surpresa mou durante horas verda- volução. Estiveram na por- ra. O movimento popular do PCP, que «a reacção eleições, que os comunis- no tocante ao momento e deiramente dramáticas que tagem de Sacavém, na fis- de massas é uma realidade. ainda tem força e possibitas temiam a realização de ao local do ataque. O MFA está disposto a levar avan- calização de um ponto es- Uma realidade, contudo, lidades», que «houve coneleições livres. Concebeu tinha denunciado a iminên- te o processo revolucioná- tratégico, decisivo, que que não é a mesma de Se- jurados que, por qualquer e forjou a provocação de cia da conspiração. No úl- rio, a defender e ampliar controlava o acesso a uma tembro. Tal como o MFA razão, não entraram em timo número do seu Bole- as conquistas populares, a área onde tudo podia acon- não é o mesmo de Setem- acção». Teve condições para fa- tim, em apelo vibrante à liquidar implacavelmente tecer. zer tudo isso. Poderia ter vigilância revolucionária, todos os focos reaccionários Enquanto organizadasido contida na sua esca- acusara frontalmente a ainda existentes nas Forças mente, disciplinadamente, lada contra-revolucionária reacção de tramar um gol- Armadas e nas forças pa- corajosamente, os comu-

«putsch» fascista. Conspi- nos de sabotar a constru- seu suplemento especial das pela escalada sediciosa ao nível da sua actuação e vitórias alcançadas. As tarou com todos os saudosis- ção da democracia, de ten- de ontem, uma cidade, em da reacção, que faziam os dos seus objectivos, como refas do MFA e do movitas do fascismo que não tar impedir o avanço do condições tão difíceis, com grupelhos esquerdistas, ao nível da consciência po- mento popular de massas haviam sido saneados das processo revolucionário. E tal carácter de esponitanei- grupelhos esquerdistas, terminava com uma adver- dade, com tanto espírito de pseudo-revolucionários do como as surgidas numa sas, mais democráticas, também com fantasmas do tência: Ponham as másca- organização, terá como Lis- MRPP, da AOC, da UDP e passado, como os generais ras que puserem, a unida- boa respondido tão unani- outros semelhantes? Ou dora e à bomba se quis jectivos por que lutam. E Spínola, Galvão de Melo, de Povo-MFA será a mais memente às exigências ficavam nas escolas pa- aniquilar a liberdade, são preciso que as responsabi-Rui Tavares Monteiro, Frei- sólida garantia de que a imediatas de um momento pagueando asneiras e di- as poderosas organizações lidades e os meios de exerre Damião. Aliciou cinco reacção será impedida de histórico em que era ne- ficultando a mobilização populares, - como o su- cê-la sejam igualmente ouactuar. Os saudosistas do cessário responder a uma dos estudantes democráti- plemento do «Avante!» sa- tros. fascismo — lembrava — ofensiva contra-revolucio- cos, insultando o PCP e lientou — essas estruturas punhado de oficiais traido- não têm futuro em Por- nária, cortar-lhe todas as gritando histericamente criadas e desenvolvidas pepossibilidades de êxito, es- que não havia «golpe», lo amplo apoio das massas Para o nosso Partido a magá-la no berço. Todos mas apenas uma «invento- populares que se revelam conspiração também não os pontos estratégicos da na dos comunistas»; ou fafoi surpresa. Fomos os pri- cidade, desde a Emissora e ziam comícios familiares prática a aliança entre o meiros a advertir o povo a RTP aos sindicatos foram para eles mesmos nas ruas; povo e o MFA, para, ao de que se preparava um rapidamente envolvidos por ou praticavam «acções regoipe contra-revolucionário multidões que levavam aos volucionárias» tão grotes- do, colarem um firme e reda reacção para apunhalar trabalhadores a força da cas como o assalto à casa soluto ombro de homens o processo democrático. O sua solidariedade. Os ór- do general Spínola, já en- dispostos a lutar para vencamarada Álvaro Cunhal gãos de informação foram tão sob as asas protecto- cer. foi muito claro, na Mari- rodeados por uma muralha ras do caudilho fascista esnha Grande, em 18 de Ja- de peitos revolucionários, panhol... neiro. Apontou factos sus- garantia para o esforço de peitos, desmascarou ma- informação de cobertura nobras, respondeu a calú- que foi decisivo. O País nias, pôs os pontos nos ii. pôde acompanhar minuto a Dias depois, em 26 de la- minuto a marcha da inten-

nistas cumpriam a sua Poucas vezes, como su- missão, defendiam as condia, na preparação de um nialistas, os aliados exter- blinhou o «Avante!» no quistas do povo ameaça- ponentes da aliança, tanto rais geradas pelas próprias

O papel do movimento popular de massas

neiro, o Comité Central do tona para a derrota; a vi- vez as massas populares ência dos trabalhadores. tes de tempo. Subestimou PCP, extraía as lições im- tória pôde ser construída comemoraram, em Lisboa e nas sedes dos sindicatos, as plicitas no grande debate organizadamente hora a ho- em todo o País, com gigan- iniciativas ali tomadas panacional em torno da uni- ra pelo MFA e pelo povo. tescas manifestações, der- ra reforço de barragens ou e o patriotismo do MFA. cidade sindical, na grande O PCP teve o compor- rotas infligidas à reacção, realização de manifestalmitou o almirante chileno vitória alcançada pelos tra- tamento que dele se es- vitórias alcançadas contra ções foram outras tantas Toribio Merino que, antes balhadores. Denunciando as perava, um comportamen- a reacção pelo povo traba- provas de que os sindicatos do golpe contra a Unidade manobras de forças diver- to comunista revolucioná- Ihador aliado ao MFA. A são elementos orgânicos in-Popular, antecipava, com sas, chamava, porém, a rin. Militantes nossos per- grande ofensiva para fazer dispensáveis do movimento arrogância, as chacinas, o atenção para o comporta- correram a cidade em bri- regressar Portugal ao domí- popular de massas, que com banho de sangue. Esque- mento da reacção que cons- gadas de esclarecimento e nio dos monopólios e do ele unificam, organizam e ceu que Portugal não é o pirava na sombra «recru- mobilização popular, orga- latifundio foi desbaratada. lutam — unidos, organizatando, aliciando, tentanto nizaram a resistência ao De cada confronto, o movi- dos e combativos. O 11 de Março entrou ganhar posições e encaran- golpe fascista em todo o mento popular de massas Essa é uma das máis realmente na História de do projectos e possibilida- Pais. Estiveram presentes saiu mais forte, mais uni- importantes lições do 11 Portugal. Mas não como a des de um sangrento golpe em todos os locais onde do, mais organizado. Com de Março. As organizações reacção queria. Será dora- de força que liquidasse as havia perigo. No RAL 1, a reacção aconteceu o con- unitárias surgidas da luta vante recordado como uma liberdades e instaurasse no Quartel do Carmo, nas trário. Mas a própria cons- do Povo Português contra estradas onde voltaram a ciência da sua fraqueza, um inimigo comum a to-Os acontecimentos de- erguer-se, como no 28 de do seu isolamento, obri- dos quantos nasceram em tida. Uma minoria de cri- monstraram que o nosso Setembro, barricadas de vi- gou-a a desmascarar-se Portugal continuam a minosos - na definição Partido estava certo uma gilância, baluartes contra completamente. Em Maio, cumprir - igualmente atado brigadeiro Vasco Gon- vez mais, que tinha uma a reacção forjados pelo em Junho, em Setembro, cadas por quantos não que-

bro. O avanço do processo decisivas para passarem à lado de cada ombro farda-

Os apelos dos sindicartos para concentrações, os apelos para a paralisação do País e para a mobilização de todos os trabalhadores em defesa do MFA e Pela terceira ou quarta da democracia, a conflu-



4 • 13/3/75 Proletários de todos os países, UNI-VOSI

A PROVOCAÇÃO DE SETÚBAL ANUNCIOU O GOLPE FASCISTA

Setúbal foram já o indício que a reacção jogava forte na realização de um golpe contra-revolucionário. 11 de Março e o ataque aéreo ao RAL 1 culminaram a escalada que se vinha preparando. Com efeito, assistia-se por todo o País a um avolumar da campanha anticomunista, acompanha da destacar uma pretensa onda por uma escalada de violência e anarquia, Primeiro, os boicotes violentos a comícios e a encontros de alguns par-tidos políticos, depois a greve no ensino secundário e que atingiu quase todo o País. Na cidade de Setúbal é criado um clima de conflito para tentar derrubar a Comissão Administrativa da Câmara Municipal a pretexto da admissão de uma telefonista eventual que certas forças reaccionárias atacavam por ser comunista. Nas faculdades geram-se confrontos com os estudantes progressistas e val-se ao pon-to de tentar sanear estudantes comunistas do Instituto Superior Técnico. E no último fim-de-semana a escalada do MFA e do Governo Provide violência atinge o cume durante o boicote a um comisório -, tinha atingido o seu cio do PPD, onde, por estraponto alto. Começava-se a vinhas pro auções, os dirigentes ver todo o ambiente de inlocais da uele partido tinham certeza que também antece-

resto da assistência. Nos acontecimentos que aí se verifi-caram há a lamentar um mor-to e vários feridos, entre os O clima de violência e anarto e vários feridos, entre os quais um jornalista estrangeiro cuja fotografia foi rapidamente difundida por todos os países capitalistas acompanhada por um noticiário a condizer e onde se procurava de violência que Portugal atravessa e o facto de não es-tarem salvaguardadas as li-berdades mais elementares. Por seu turno, o PPD durante uma conferência de Imprensa para apresentar a sua versão dos factos ocorridos em Se-túbal e muito embora tivesse conhecimento dos agrupamentos políticos que promoveram o boicote ao comício, apenas teve como preocupação domi-nante atacar o nosso Partido. A campanha anticomunista que estava em marcha, acompanhada por uma difamação constante do Movimento das Forças Armadas — foram distribuídos em profusão, pelos quartéis, panfletos difamando os elementos mais conhecidos

quia gerado e no qual vários agrupamentos esquerdistas fizeram objectivamente o jogo da reacção indicava claramente o desfecho, felizmente esmagado, de uma tentativa contra-revolucionária.

Sobre este assunto e recordando todos os acontecimentos verificados anteriormente a Comissão Política do nosso Partido publicava no dia 10, segunda-feira, uma nota em que afirmava no final, numa nrevisão do que depois se iria

passar:
O PCP alerta solenemente os inimigos da revolução democrática portuguesa para os riscos de uma escalada de violência que visa manifesta: mente pôr em causa o processo democrático, criar um clima que impeça a manifestação livre da vontade nopular nas próximas eleicões e criar condições favoráveis a um golpe contra-revolucionário.

O golpe surgiu efectivamente no dia seguinte. Agora, esmagada que foi a tentativa de revolução reaccionária, impõe-se tirar as conclusões do que se passou, tapar bre-

do 28 de Setembro sem que, para que mais tarde não volte a surgir nova tentativa para derrubar o processo democrático em curso, no qual as massas trabalhadoras do nosso País têm a primeira palavra a dizer.

Convém meditar sobre as tentativas divisionistas a que os trabalhadores estão sujeitos como é o caso do assalto ao Sindicato dos Metalúrgicos e o boicote que a direcção do Sindicato dos Químicos fez ao processo eleitoral sonegando, por último, os cadernos eleitorais. Convém meditar sobre a greve do ensino liceal, onde foi manifesta a interferência de elementos reaccionários. Convém meditar sobre o que se passou em Se-túbal onde a acção aventureirista de certos grupos ultraesquerdistas, atraídos para um isco fácil, ajudaram a campanha anticomunista do PPD no seu papel de Vítima. Convém meditar sobre a intensa campanha anticomunista que se estava a desenrolar com a contribuição de muitos agrupamentos, da ultra-esquerda, para os quais o principal inimigo é o nosso Partido, esquecendo deliberadamente a reacção que ainda campeia por todo esse País. No caso concreto da AOC, os seus dirigentes numa conserência de Imprensa afirmaram mesmo que era preferível apoiar o CDS ao nosso Partido. Convém meditar sobre os acontecimentos do Instituto Superior Técnico, onde estudantes ultra-esquerdistas quiseram sanear estudantes só por eles pertence-rem à UEC. Nesse mesmo estabelecimento de ensino durante a semana passada, sucederam-se as cenas de provocação aos estudantes comunistas, que por vezes se transformaram em agressões físicas e interrogatórios semelhantes aos que a extinta PIDE praticava nos seus antros. E, coisa estranha, todas estas acções eram praticadas por estudantes que se dizem ao lado do povo para defen-derem os seus interesses. Convém meditar.

Convém meditar e estar vigilante para esmagar logo a nascença todas as iniciativas que visem separar o Povo do Movimento das Forças Armadas, que visem atrasar a revolução democrática e social no nosso País, ainda que muitas vezes se apresentem sob uma capa de esquerda, que visem, no fundo fazer regressar o País ao fascismo e à exploração desenfreada das classes trabalhadoras. Convém meditar e estar vigilante para que os trabalhadores não se deixem arrastar em acções aventureiristas que podem pôr em risco as vitórias já alcançadas. Mas convém, também, meditar e estar vigilante para que na altura própria a acção das massas possa ser decisiva para esmagar definitivamente qualquer intentona reaccionária que



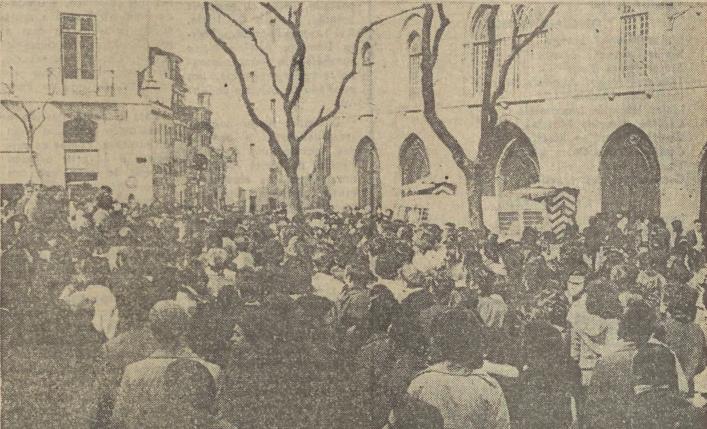
NOSSO «AVANTE!»

Órgão da vanguarda organizada da classe operária, órgão do Partido Comunista Português, jornal das classes trabalhadoras, o nosso «Avante!», nas horas decisivas da luta contra a intentona fascista, esteve nas primeiras linhas nas mãos de quantos barraram o passo à reacção. A meio da tarde a confiança e a determinação do Partido Comunista Português chegara aos trabalhadores através do número especial do «Avante!», que aos milhares foi distribuído em Lisboa e noutras regiões do País. Erguido como uma bandeira na grandiosa manifestação realizada ao fim da tarde, o «Avante!» esteve com a Liberdade e a Democracia. Ontem de manhá, lançando já as bases da consolidação da vitória, novo número especial!









A aliança do Povo com o MFA, que as forças reaccionárias novam ente subestimaram, domonstrou mais uma vez não ser uma palavra sem significado. Quando se soube do criminoso ataque ao RAL 1 imediatamente a população veio para a rua disposta a colaborar com as Forças Armadas na defesa da democracia. As imagens que apresentamos são bem o exemplo da aliança que, no 11 de Março, e reforçou. Em cima, a população concentra-se junto do Quartel do RAL 1. Na segunda grayura, um soldado defende o forte do Alto do Duque, onde está instalado o COPCON. Na imagem seguinte, vê-se um aspecto da barragem montada na Portela de Sacavém, onde a população colaborou activamente com os militares. Em baixo, um aspecto do Quartel da GNR, no Carmo, onde os trabalhadores se mantiveram vigilantes até ao desfecho dos acontecimentos. As imagens apresentadas vincam bem a colaboração do Povo com o MFA na defesa de uma revolução que se pretende beneficie as camadas mais desfavorecidas da população

seus objectivos de combate ao processo democrático.

O PCP reprova uma vez mais a agudização deliberada de certos conflitos políticos, a crescente acção desorganizadora da vida económica, os assaltos e ocupações, inclusive de sindicatos e os constantes e cada vez mais graves atentados à ordem e aos princípios demo-

2. Uma das práticas prosseguidas nesta campanha de violência de direita através dos quais se procura mostrar que em Portugal não são respeitadas as liberdades democráticas e os direitos dos cidadãos e abrir assim caminho a um golpe das direitas em nome da defesa da liberdade.

Na execução destas operações surgem normalmente pequenos grupos pseudo-revolucionários cuja acção serve objectivamente os fins das forças reaccionárias.

comício do PPD que não teria mais do que algumas dezenas de filia- pos, que caem em acções de verdadeiro gangsterismo. dos e simpatizantes deste partido. É sabido que desde sempre o PCP condenou firmemente a prá-

nunca se envolveu em tais actividades. No caso de Setúbal, são publicamente conhecidas as organizações

que chamam a si a responsabilidade do «boicote» ao comicio do PPD. O nosso Partido já definiu a sua posição condenando publicamente o que se passou em Setúbal. Apesar disso, o PPD lança contra o PCP acusações sem qualquer fundamento. Porquê?

O PPD que desde há tempo se vem incorporando com papel destacado na orquestração anticomunista, aparece agora, no estilo da pior reacção, a responsabilizar o PCP por actos que não só não praticou, como expressamente condenou,

desde há muito está lançado numa actividade divisionista, quer relação às forças democráticas, quer em relação ao próprio MFA, aproveita os acontecimentos de Setúbal para incrementar os seus ataques ao PCP e exorbitar tudo quanto até agora fizera na deforma- cionário. ção dos factos relacionados com a actividade dos comunistas e, faz tudo isto, ao mesmo tempo que insinua a vitória inevitável da contra- mar -revolução, aludindo capciosamente ao 28 de Maio

O PPD sente-se visivelmente servido pelos incidentes de Setúbal. A exploração anticomunista que procura fazer destes acontecimentos levanta a suspeita da sua própria participação nas provoca-

3. O clima de violência e anarquia criou as condições propicias ao desencadeamento de uma vaga de assaltos e ocupações de casas lucionários. e palácios devolutos, uns, feitos a coberto de objectivos humanitá-rios, mas que a prática mostra de difícil realização, outros, para a portuguesa para os riscos de uma escalada de violência que visa resolução estrita de carências de instalações dos próprios grupos, associações ou partidos políticos que os promovem

Tais iniciativas, mesmo quando os seus objectivos têm cunho humanitário, auxiliam os planos dos conspiradores contra-revolucio- nário. nários destinados a desautorizar o Governo Provisório, o MFA, todas as autoridades e a mergulhar o País no caos. Tais iniciativas servem ainda à reacção externa e ao imperialismo para a intensificação da campanha anticomunista, para a responsabilização do PCP por acções que reprova e combate.

É cada vez mais notória a ligação entre a actividade de grupor ultra-esquerdistas e as forças mais reaccionárias Não é só o anticomunismo mais feroz que atinge muitas vezes

ções de que se apresenta vítima.

Lisboa, 10 de Março de 1975. A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português

1. Assiste-se actualmente em todo o País a uma escalada de vio- expressões de violência física como ultimamente se verificou contra lência e anarquia inspirada e estimulada pela reacção para servir os estudantes do IST, que os une abertamente. É o ódio comum ao processo democrático e revolucionário cuia base assenta na aliança

> No sector estudantil tem sido mais possível, dada a sua composição social, desenvolver um clima de conflitos e de deterioração de que a greve dos liceus, estreitamente ligada às manobras reaccionárias, constitui um claro exemplo.

Mas, atrás de um palavreado pseudo-revolucionário e pseudo-gee anarquia são os bojcotes aos comicios e outras reuniões de partidos fensor da classe operária, alguns grupos têm tentado também introduzir entre os trabalhadores a divisão, o anticomunismo e a sabotagem do processo democrático. Para isso lançam mão de formas de actuação profundamente antidemocráticas, da calúnia, da mentira, da ameaça, tudo processos que repugnam à classe operária e a todos

Na medida em que os trabalhadores reagem a estas tentativas divisionistas e desmascaram as suas origens e intenções, aparece mais Os acontecimentos de Setúbal iniciaram-se com o boicote a um a nu a ligação entre os manejos reaccionários e a acção destes eru-

O assalto do sindicato dos metalúrgicos, a ocupação do sindicato dos químicos e a recusa à consulta eleitoral, cujos ex-dirigentes levatica de «boicotes» a comícios de outros partidos e pela sua parte ram a sua sem-vergonha até à sonegação dos cadernos eleitorais são exemplos desta actuação aventureirista contra os interesses dos trahalhadores. Tais exemplos mostram a necessidade de intensificar a consciencialização das massas trabalhadoras contra todas estas manobras divisionistas.

Mostram a necessidade de que os trabalhadores em geral se unam cada vez mais profundamente em defesa do processo democrático e revolucionário no qual estão vitalmente interessados e desempenham um papel decisivo.

5. Os protestos dos reaccionários que tiram os benefícios políticos u, como expressamente condenou.

dos ataques aos seus comícios, procurando apresentar-se aos olhos.

Tal como o PPD, o seu órgão oficioso, o jornal «Expresso», que da opinião pública nacional e internacional como «vítimas» da actual situação política portuguesa, não podem ocultar as violências, obstru ções e provocações de toda a ordem contra os comunistas e os se comícios e sessões de esclarecimento onde impera o caciquismo reac

> A agressão ideológica deixou as formas verbais para se transfo num verdadeiro surto de violência anticomunista.

Os esforços para isolar os comunistas nas próximas eleições para a Assembleia Constituinte resultarão vãos. Os laços que unem os comunistas ao seu povo reforcam-se na luta diária contra a reacção e os monopólios.

Contra a aliança Povo-MFA se desfarão os intentos dos reaccionários de todos os matizes e dos seus pontas de lança pseudo-revo-

manifestamente pôr em causa o processo democrático, criar um clima que impeça a manifestação livre da vontade popular nas próximas eleicões e criar condições favoráveis a um golpe contra-revolucio-

Ao lado dos comunistas estão todos os portugueses que querem edificar um país livre, feliz e independente e todos os que vêem n aliança Povo-MFA a garantia do triunfo da democracia em Portugal

O POWO PORTUGUÊS ESTÁ COM O MFA

· Manifestações em todo o País saudando a vitória sobre a reacção constituíram expressivas formas de luta

tação popular na Praça protesto e repúdio. General Humberto Delgado, apesar de convocada com mais de metade da Avenida sima) contra os responsá- e às forças democráticas que caracterizou-se por uma esdos Aliados e as ruas que circundam a Câmara Municipal. A intensíssima participação popular, que secundava com enorme entusiasmo as palavras de ordem contra os reaccionários e golpistas, foi mais um aviso impressionante aos que pensam poder parar a revolução ou fazê-la voltar para trás.

Longamente interrompido pelos brados de «MFA, MFA», «Vitória, Vitória», e «Soldado Amigo o Povo Está Contigo», o brigadeiro Passos Esmeriz, comandante da Região Militar do Porto, dirigiu-se aos manifestantes que se aglomeraram em grande número junto do Quartel--General. Saudando o apoio popular, o brigadeiro afir- veis pelo golpe reaccionário, verdadeiramente conduzem representantes, somos as incidentes. Forças Armadas de um País, de um Povo e necessitamos que aqui estais.»

riadíssimas concentra- povo. ções e pode dizer-se que toda o povo da cidade. Mi-

que se encontrava repleta, * No Barreiro, pararam cimentos comerciais, bancos dade entre os partidos veruma antecedência de pouco bris. Os trabalhadores inun- ram para permitir que todos no reforço da aliança Povo/ mais de uma hora pelo nos- daram as ruas, num grande os trabalhadores se manifes- /MFA. so Partido, o MDP/CDE e ou- movimento de vigilância, tassem contra a conspiração tras forças democráticas, gal- mandando parar e inspec- reaccionária. vanizou as massas popula- cionando os automóveis, em o trânsito na baixa citadina. Forças Armadas. Apesar da

res, tendo sido cortado todo activa colaboração com as 🛨 Em Viana do Castelo, a se desencadeou às primeiras total adesão ao Movi-Além da Praça, estava cheia cólera popular (justificadís- mento das Forças Armadas



O camarada Jaime Serra falando aos manifestantes em Lisboa

indubitavelmente do apoio tico atingiu grande eficácia, brante manifestação em que pelo PS, pelo MDP e pelo de todo o povo, de vós todos tendo-se caracterizado por participaram milhares de «Foi hoje um dia marca- ção de massas, sobretudo dos Estaleiros Navais interdo — disse ainda o coman- nos pontos estratégicos mais romperam o trabalho e diridante - por mais uma ten- sujeitos a qualquer mano- giram-se para o Batalhão de tativa das forças contra-re- bra. Era notório que toda a Caçadores 9 onde manifesvolucionárias que pretendem cidade estava pronta a en- taram a sua solidariedade opor-se ao caminho vitorioso frentar os acontecimentos, para com o MFA e o procesdesta nossa revolução para sem prejuízo da serenidade so revolucionário em curso. o progresso deste País. Pa- que presidiu à patriótica tarabéns à comunidade nacio- refa. Os estabelecimentos de * nal, parabéns ao Povo Por- ensino encerraram de tarde

mou: «Nós somos os vossos não se registaram quaisquer o processo revolucionário no pulação de uma declaração somos as Forças Armadas * Em Setúbal, a defesa pelas manobras reaccioná- de Beja, pela União dos Sindo processo democrá- rias concretizou-se numa vi- dicatos, pelo nosso Partido, impressionante movimenta- pessoas. Os trabalhadores tensificou-se quando a deter-

Em Torres Vedras, mais de 5 mil trabalhadores tuguês. Foi um dia de vitó- e os estudantes participaram e trabalhadoras expressaram, ria contra essas forças.» nas manifestações, solidários por sua vez, o desejo firme com as Forças Armadas re- de, em aliança com o MFA, surar a brandura com que rou uma prova inequívoca e cartazes do nosso Partido Em Coimbra, houve va- volucionárias e com todo o liquidar a intentona reaccio- todo os reaccionários têm de apoio ao MFA e garantiu e de outras forças democrápraticamente estava na rua * Em Faro, como em todo tras forças democráticas, as denunciaremos só os traido- À noite, pelas 21 horas, num * Lin Leiria, gritando «sloo Algarve, foi total a massas trabalhadoras deram res, mas prendê-los-emos em grandioso comício convoca-

conspiração contra-revolucio- conspiração reaccionária. O nosso Partido e de outras rante a manifestação, foi lido Portugal. No átrio desta Câ- ção política e as medidas a ços do Concelho pelas 15 horia de anteontem alastraram nosso Partido, como sucedeu forças democráticas. Em Fa- um comunicado conjunto do mara encontram-se caçado- tomar. a todo o País e o movimento por toda a parte, esteve na ro, logo que se soube do le- nosso Partido, do MDP/CDE popular de massas mostrou primeira linha dos defenso- vantamento sedicioso em Lis- e do PSP em que se apelava tão dispostos a defender até do Torrão manteve-se vigi- ao quartel de Artilharia 4, sa da situação democrática. bem a sua força e capacida- res da unidade popular e da boa, começaram a circular para a vigilância popular e de de organização, embora aliança Povo/MFA, que vie- veículos com megafones cha- se exigia um saneamento efinem sempre fosse possível ram em massa das fábricas mando as massas trabalha- caz de todos os indivíduos a defender-se. É o Povo a dievitar alguma exaltação e in- e das lojas. Todo o comér- doras e todo o povo a ma- interessados na contra-revo- zer não à reacção. Unidade. cidentes de pouca gravidade. cio encerrou, solidarizando- nifestar o seu apoio ao Mo- lução. Foram ainda pedidas * No Porto, a manifesta- -se com as manifestações de vimento das Forças Armadas medidas decisivas contra os e ao Governo Provisório. monopólios e os latifúndios, mo. Grande parte dos estabele- com apoio numa forte unitodas as unidades fa- e repartições públicas encer- dadeiramente democráticos e

* Em Beja, a intensa mo-

vimentação popular que notícias sobre a tentativa de golpe militar reaccionário treita vigilância nas estradas de acesso à cidade, montando-se piquetes e pela aglomeração de grande multidão junto do quartel do R1 3. Manifestando o seu incondicional apoio ao MFA, as massas populares exigiram, indignadamente, a punição dos * que ousaram pôr em risco a democracia portuguesa. O tenente-coronel António Candeilas, comandante do R. 1. 3, mais tarde, se aglomerou na Praça da República, incentivou, emocionadamente, as populações a manterem a unidade em torno das Forças Armadas. O governador civil de Beja, major Brissos de Carvalho, fez a leitura à ponosso País não deixou dúvi- subscrita pelo Governo Cidas a ninguém. O repúdio vil, pela Câmara Municipal MES. A vibração popular inminada altura o major Bris-

destruir a aliança do Povo/ MFA. Falando à população, /MFA. Ninguém tem o direi- o tenente-coronel Assunção to de destruir o direito que Velho, comandante daquela quistada em 25 de Abril. total fidelidade ao espírito Quem não está com o Povo? do Movimento do 25 de organizou uma manifestação mente com os manifestantes presença vigilante e organi-Quem não está com o MFA? Abril, agradecendo a presen- que se prolongou por quase no repúdio ao atentado reac- zada, a sua disposição afir-Temos de ser francos e cen- ca da multidão que conside- toda a manhã com bandeiras nária. Ao apelo do nosso Par. sido tratados. Chegámos ao a normalidade da situação ticas. tido, do MDP/CDE e de ou- alerta. Se fôr necessário não na zona aos manifestantes.

res que são Povo e que es- Ainda no Alentejo, o povo tejo, a multidão dirigiu-se de vontade popular na defeao último cartucho a nossa lante durante toda a noite onde os oficiais e soldados. Como uma avalancha, o po-Só o Povo unido e vigilante conseguirá destruir o fascis-

A mesma exortação à vigilância popular e igual exigência de severa punição aos traidores se manifestou na intervenção do presidente do Município, José Carlos dos Reis Colaço.

Uma reunião entre comandos militares e militarizados e os partidos efectuar-se-ia para análise da situação na zona. A vigilância popular mantida nas estradas não abrandaria entretanto. O povo de Beja, organizado e unido em aliança com as Forças Armadas, dispôs-se a defender, firmemente, a situação democrática.

Em Portalegre, o trabalho foi interrompido nas fábricas, repartições e outros locais de trabalho. Milhares de operários, de oufalando à multidão que, tros trabalhadores e de estudantes vieram para a rua, organizando uma manifestação que não deixou de engrossar eté desembocar à porta do Batalhão de Cavalaria 1. Elementos agitadores que, sob a máscara da democracia, fazem o jogo da reacção, lançaram boatos que poderiam ter prejudicado a alianca entre o Povo e as Forças Armadas daquele Batalhão. Não se deixando envolver num clima emocional que poderia ser gravemente prejudicial, o povo aglomerado junito do portão do BC1 gritou, veemente-Ninguém tem o direito de mente, a sua unidade com o o Povo tem à liberdade con- unidade, manifestou a sua

As manifestações popula- deram aos apelos de aten- e do MFA, correspondendo desejo de fazer avançar o quer continuar a ser livre. FSP, pelo MDP/CDE e pelo nifestação espontânea con- ções das massas populares res de intenso repúdio pela ção e vigilância contra a perfeitamente aos apelos do processo revolucionário. Du- Não queremos Pinochets em MES, foi analisada a situa- centraram-se junto dos Pa- incentivando à unidade. ras. Em impressionante cor- cou a mesma manifestação

> querida liberdade. É o Povo do dia 11 e, no dia seguinte, se solidarizaram imediata- vo veio para as ruas e a sua CANDIDATOS COMUNISTAS DEPUTADOS DO POVO



COMÍCIO

DOMINGO, 16 AS 15 HORAS

no Estádio 1.º de Maio para apresentação pública

dos candidatos do PCP

gans» de apoio ao MFA,

cionário. A mesma solidarie- mada por palavras e actos dade das Forças Armadas se de se manter unido com as manifestou no Regimento de Forças Armadas, com o Go-Infantaria 7, cujos portões verno Provisório e com as foram abertos aos manifes- forcas democráticas foi a tantes, entre os quais se resposta mais firme que poencontravam elementos dos deria ser dada à reacção. partidos políticos e o gover- "lornada de resistência e jornador civil da cidade. Os nada de vitória perante a bancos e vários estabeleci- tentativa contrarevolucionámentos encerraram as por- ria, o 11 de Março mantertas para que toda a popula--se-à como uma data a não ção, nas ruas e nas estra- esquecer pelas lições políticas que encerra, das quais a maior é a força das massas populares, a sua confiança no processo democrático * Em Chaves, também, a que, tal como o Povo Portupopulação afluiu às ruas guês manifestou em todas manifestando - se vibrante- as concentrações realizamente contra os aconteci- das, tem de ser corresponmentos que se verificavam dida com a firme punição em Lisboa. Os partidos dos reaccionários e com o orientaram as movimenta- avanço da Revolução

AMÉRICO GOMES MORREU HÁ 41 ANOS

as faz pelo olvido?» 1934 nas mãos da PIDE, não ao lado da cama.

organização da Juventude da Ajuda no dia 17 de Março Comunista, em 1933, o jovem operário metalúrgico Américo Gomes é preso nesse do fascismo, a mais um filho mesmo ano na sede do Grupo do povo morto pela liberdade. Esperantista Ocidental, em Santo Amaro, e solto duas semanas depois, por falta de provas. Volta a ser preso em Janeiro de 1934 num comicio relâmpago realizado à porta da Câmara Municipal de Lisboa, onde nesse dia havia despedimento de pessoal.

Levado primeiro para a esquadra do Calvário, de onde testemunhas oculares o viram sair com a cara ligada, se guiu depois para a então chamada «leva da morte», mais tarde a sinistra António Maria Cardoso, tendo permane cido incomunicável cerca de 30 dias. Quando foi transferido para o Aljube já ex-

pectorava sangue. O mal agravou-se, sem qualquer assistência médica.

«Pela glória, quem não fa- Veio a morrer num quarto ria grandes coisas? Mas quem isolado da Penitenciária, completamente só, uma ba-Morreu a 16 de Março de cia cheia de sangue negro

Milhares de pessoas o Militante recém-chegado à acompanharam ao cemitério de 1934, em derradeira homenagem a mais uma vítima

Cobriu-lhe o caixão a bandeira do nosso Partido, sob a qual lutou e morreu; esta nossa bandeira vermelha, rubra do sangue dos trabalhadores como Américo Gomes.

«Sai da sombra por um momento rostos anónimos, dissimulados, e aceitai o nosso agradecimento.»





Tal como em Lisboa, em todo o País sucederam-se as manifestações de trabalhadores contra a intentona fascista e reafirmando o apoio do Povo ao MFA

Uma lição esquecida da tragédia chilena

Alguns ex-dirigentes do Partido Democrata Cristão do Chile erguem agora timidamente as vozes para defenderem os direitos da pessoa humana. Protestam contra a repressão, estranham que Pinochet e a sua camarilha não estejam fartos de violência e sangue. Esses mesmos políticos esquecem que colaboraram na preparação do golipe de Estado fascista de 11 de Setembro de 1973, que saudaram a Junta como «libertadora» e «democrática» quando Salvador Allende agonizava no Palácio de La

O problema da responsabilidade da Democracia Cristã Chilena na tragédia que se abateu sobre a pátria de Corvalán constitui aliás uma lição cujos ensinamentos não mereceram ainda a devida atenção em Portugal. Costuma-se apresentar do PDC uma imagem global na qual a base e a cúpula se confundem, Todos os seus militantes seriam reaccionários. E essa imagem é falsa e perigosa. A própria viltória eleitoral de Eduardo Frei em 1964 contraria os juízes simplistas. O PDC chileno era um partido diferente do seu irmão italiano ou da CDU germano-ocidental. A ampla maioria que a Democracia Cristã Chilena obteve nesse ano, num país subdesenvolvido e imperializado, traduziu antes de mais a sua natureza pluriclassista e a capacidade de manobra de uma direcção oportunista mas muito hábil. Centenas de milhares de chilenos que votaram então em Frei não podem ser identificados com o carácter do PDC e os seus fins. O objectivo do partido era garantir a sobrevivência do capitalismo no Chile. Mas, para vencer, prometeu que o destruiria. Elaborou um programa e uma plataforma eleitoral que negavam precisamente o capitalismo como solução para os problemas nacionais. A «revolução em liberdade» de Eduardo Frei antecipou historicamente as teses do chamado «socialismo em liberdade» hoje defendidas na Europa por partidos e forças políticas que, dizendo-se socialistas, itentam preservar o sistema de exploração capitalista. Aquilo a que Frei, por exemplo, chamava «o socialismo de Estado» nunca foi mais do que um eficaz instrumento de acção para a defesa de um aparelho de Estado capitalista e das estruturas económicas básicas do sistema de dominação montado no Chile pelo imperialismo.

Quando Frei chegou à presidência as massas chilenas haviam manifestado nas ruas e praças públicas a sua aversão ao capitalismo. Todas as receitas capitalistas «salvadoras» haviam fracassado durante o governo de Jorge Alessandri (cujo primeiro empréstimo externo, de 500 000 contos, se destinou ao financiamento da «Papelera», empresa de que era o principal accionista). Explodia no país uma ânsia irreprimível de grandes mudanças sociais e económicas. A opressão imperialista intensificava-se. A organização, a unidade e a consciência política do proletariado atravessavam uma fase de ascensão. Finalmente, a situação internacional era propícia para uma vitória das forças populares.

Frei ganhou a presidência nas urnas porque uma parte das massas populares se deixou iludir por uma propaganda demagógica. Uma máquina reaccionária mascarou-se de progressista. Todas as promessas foram feitas, Prometeu-se uma reforma agrária revolucionária; prometeu-se a nacionalização dos recursos naturais; prometeu-se que a banca seria gradualmente «socializada». Prometeu-se tudo, porque não havia a intenção de cumprir coisa alguma.

O saldo da «revolução em liberdade» não foi apenas negativo. Foi catastrófico. As grandes minas de cobre foram «chilenizadas» através da aquisição pelo Estado de 51 por cento das suas acções. Mas a gestão continuou conflada às empresas monopolistas americanas. A Anaconda a Kennekott aceitaram alegremente essa política «socialista» de uma democracia cristă «revolucionária». Os seus lucros, que em 1965 tinham sido de 44 milhões de dólares, subiram para 126 milhões em 1968. Quase o triplo. No final do governo Frei, um por cento de população concentrava nas suas mãos um terço do rendimento nacional; um terço do crédito era utilizado por um por cento dos clientes dos bancos privados. O imperialismo tirava do país um milhão de dólares (25 000 contos) por dia, tento como o que um mithão de chilenos ganhava em 24 horas.

A famosa «revolução em liberdade» desiludiu muitos chilenos ao longo de seis anos de uma política que só favoreceu o capitalismo e o imperialismo. Mas não tantos chilenos como seria necessário. Milhares de operários e camponeses que haviam votado no PDC não foram suficientemente esclarecidos derante o governo de traição nacional de Eduardo Frei. De outro modo, o candidato da Democracia Cristã que enfrentou Salvador Allende nas eleições presidenciais de 1970 não teria obtido 28 por cento dos votos do eletiorado. A mistificação repetiu-se embora sem o resultado anterior. Radomiro Tomio, candidato do PDC, apresentou-se com em programa muito mais «revolucionário» do que o de Frei em 64. Usou e abusou da palavra socialismo. Fez críticas ao seu próprio partido.

Nos últimos tempos do seu mandato, Frei explorou com habilidade es contradições que opunham os interesses populares aos do imperialismo. Colocou um petriota, Gabriel Valdés, à frente do Ministério dos Negócios Estrangeiros e permitio que ele desafiasse os Estados Unidos em Viña del Mar. O PDC acabow por colher os frutos de uma vitória continental quando Frei patrocinou uma declaração histórica que forcou Nixon a reconhecer publicamente o carácter espoliativo das relações económicas que os Estados Unidos impunham às nações latino-americanas. O próprio multimilionário Nelson Rockefeller - hoje vice-presidente dos EUA - criticou no seu relatório de 1969 a «ajuda» hipócrita dos acordos vinculados, da A1D, do Exinbank, do Banco Mundial e de outras organizações e formas de dominação imperialistas. Em Viña del Mar a máscara do imperialismo

Tudo isso contribuiu para que durante a campanha eleitoral de 1970 parte da das bases da Democracia Cristã caisse novamente nos alcapões abertos pela propaganda tortuosa da «revolução em liberdade». Para a Unidade Popular, a grande tarefa consistia em esclarecer, conquistar, libertar da influência da burquesia, dos capitalistas disfarcados de arcanios de um novo tipo de socialismo — uma massa importante de operários, de camponeses, de pequenos comerciantes, de mulheres de trabalhadores, e ganhar esses sectores para posições democráticas e revolucionárias. Era indispensável demonstrar com clareza que a chamada «propriedade comunitária — definida pelo PDC como «propriedade socialista à margem do Estado — era uma utopia, uma simples negaca. Mas o esforco de esciarecimento não foi suficientemente amplo e profundo. Frei, além do aparelho de Estado, contou com a ajuda da Igreja e de uma infinidade de organismos financiados pelo imperialismo. Se a Unidade Popular tivesse conquistado o apoio da majoria dos trabalhadores que, ingenuamente confiaram nas promessas «revolucionárias» do programa eleitoral de Radomiro Tomic, isto é da Democracia Cristã, Salvador Allende teria obtido majoria absoluta nas eleições de Setembro de 1970, em vez dos seus magros 36,3 por cento e o rumo dos acontecimentos no Chile teria sido muito diferente.

O camarada Luis Corvalán, secretário-geral do Partido Comunista do Chile, teve sempre consciência das contradições existentes no seio da Democracia Cristã. Quando outros partidos e forças populares, incapazes de compreender o que se passava com o PDC e de captar a essência de estratégia freista, atacevam em bloco os democratas cristãos, confundindo as bases com a cúpula. Corvalán condenou essa atitude como sectária e pouco lúcida. A disputa pelo poder político era inseparável da luta de classes. Os comunistas chilenos lutavam por ampliar o círculo dos partidários do progresso, da democracia e do socialismo, reconhecendo a cada aliado potencial a participação correspondente em todas as etapas do processo revolucionário. As advertências do camarada Corvalán a respeito dessa questão fundamental vinham de longe. Já em 1965 afirmava: «O grosso do proletariado e aquela parte do povo politicamente mais esclarecida sabe que a DC não é a solução. Mas não se pode dizer o mesmo de outros sectores populares (...) Para que não caiam na indiferença ou no desespero, para que não sirvam de trampolim a nenhuma aventura ou a uma nova alternativa burquesa, para que chequem quanto antes à conclusão de que o necessário é um governo revolucionário encabeçado pela classe operária, esta tem de ganhar a sua confiança através de uma política combativa e ampla, de acção comum entre todas as forças po-

Para que essa política tivesse êxito era preciso, porém, como safientou em Junho de 1966, «dar a mão aos trabalhadores democratas cristãos e igualmente aos trabalhadores radicais, membros de um partido tanto ou mais burguês do que o da agremiação governamental». Era preciso realizar acções comuns em defesa de interesses comuns.

Essa política teve êxito junto dos radicais. A sua base de massas foi Mas a campanha de esclarecimento não foi suficientemente tenaz e firme no tocante na milhares de militantes democratas cristãos iludidos pelas promessas da «revolução em liberdade». Votaram no partido que recorria às palavras «revolução» e «socialismo» para melhor defender o capitalismo e preparar a ofensiva contra-revolucionária. A direcção do PDC foi um dos coveiros da experiência revolucionária chilena. Hoje, como declarou já um dos seus antigos dirigentes, «nem 10 por cento dos chilenos votariam em nós se houvesse eleicões livres no Chile».

Desgraçadamente, os trabalhadores chilenos que acreditaram na «revolução em liberdades de Eduardo Frei acordaram demasiado tarde para a descoberta de que tinham traído a sua própria classe e a nação,

Portugal não é o Chile. Existe uma estreita aliança entre o movimento popular de massas e as Forcas Armadas e o MFA, sua vanguarda. Mas essa grande lição do Chile é válida para nós. Também aqui há imitadores de Eduardo Frei com outros rótulos, também aqui há trabalhadores que não foram ainda bastante esclarecidos, trabalhadores que assumem posições incompatíveis com os seus interesses de classe, confundidos pelo palavreado demagógico dos que, ansiosos por prolongar a existência do capitalismo moribundo, prometem um «socialismo» novo e diferente. As advertências do camerada Luis Corvalán devem por isso ser para todos os militantes comunistas um guia para a acção; para todos os trabalhadores portugueses um tema para estudo e reflexão. Os discípulos de Frei, espalhados por vários quadrantes políticos, perderão a batalha. A vitória é difícil, mas é nossa.

Nada mudou em Espanha

À remodelação ministerial espanhola aplica-se bem o ditado popular: «A montanha pariu um rato.» Saíram uns quantos ministros e entraram outros para ficar tudo na mesma. O discurso de Arias Navarro, o governante que fala em nome de Franco, foi igual aos anteriores: uma arenga palavrosa, vazia de significado. O franquismo sabe que não tem um mínimo de condições para dar uma resposta política aos problemas do povo espanhol e procura apenas ganhar tempo, sobreviver. Houve substituições de pessoas no seio da família do fascismo espanhol e nada mais. Sentindo--se acossados, diante da ascensão do movimento popular, falangistas e membros da «Opus Dei» põem de lado certas rivalidades e ambições e entendem-se como bons amigos.

Os trabalhadores espanhóis não participam na farsa. É a Imprensa franquista que especula sobre a «remodelação», que se esforça por lhe atribuir importância. A resposta popular às manobras do re de outra natureza. Em toda a Espanha intensifica-se a luta do movi-

mento popular de massas. Em Bilbau 3000 operários da Firestone mantiveram as suas exigências, negando-se a retomar o trabalho. A polícia, chamada pela empresa, prendeu 12 trabalhadores. Em Málaga, o «dia de luta» foi um êxito. Milhares de mulheres, em protesto contra a carestia, abstiveram-se de fazer compras nos mercados e supermercados da cidade. Em Córdova os trabalhadores dos transportes públicos não cedem e contam com o apoio da população. Em oito bancos de Madrid houve paralisações de meia hora como protesto contra a provocação franquista concretizada no processo movido a dois representantes sindicais

Nas universidades os conflitos agudizam-se também. Em Valladolid e Sevilha a situação continua a ser explosiva. Em Granada foi fechada, por «tempo indeterminado», a Faculdade de Direito. Na Biscaia foi preso mais um padre e seis estudantes.

Nas próprias Forças Armadas, instrumento fundamental de sustentação do franquismo, existe uma atmosfera de crescente mal-estar. O descontentamento de muitos oficiais exprime-se de várias maneiras e o regime recorre a medidas punitivas para evitar que «os maus exemplos» sejam seguidos. O major Julio Busquet e o capitão Jose Julvez, presos em Fevereiro, foram agora condenados a seis e dois meses de prisão, respectivamente. Ambos se tinham solidarizado com um camarada de armas que se recusara cumprir uma tarefa política.

Há um ano, a punição de oficiais por motivo «disciplinar» teria sido recebida como coisa normal nos quartéis. Funcionaria até como manobra de intimidação. Agora não. Os dois oficiais apelaram da sentença, o caso é tema de discussão nas casernas e dezenas de camaradas de Busquet e Julvez manifestam nas messes a sua solidariedade a essas duas vítimas da repressão franquista.

A Imprena fascista de Madrid e Barcelona continua a elogiar o regime. Mas há também uma mudança de tom. O medo cedeu lugar à arrogância anterior. O diário «Ya», porta-voz dos meios reaccionários da Igreja, escreve agora, em editorial: «É preciso compreender que para os espanhóis soou a hora da participação real. Se não assegurarmos esta participação outros o farão mais tarde em nosso lugar.»

É verdade. Mas o povo espanhol não aceita a falsa «participação» com que Franco, Arias Navarro e a camarilha fascista lhe acenam. Não aceita o diálogo com o regime. Luta contra o franquismo, pela sua destruição. E vencerá. Será sua a última palavra.

Imperialistas fora do Camboja!

A guerra no Camboja aproxima-se do seu desfecho inevitável: a libertação da caiptal, Phnom Penh, pelas forças da Frente Unida Nacional Khmer (FUNK). A cidade está completamente cercada e a própria ponte aérea estabelecida pelos americanos paar abastecer o exército mercenário de Lon Nol foi interrompida quando um avião da US Air Force foi atin-

Os Estados Unidos, entretanto, parecem cada vez mais dispostos a lançarem-se numa nova agressão. O presidente Ford pediu ao Congresso 222 milhões de dólares (5550 mil contos) para evitar que o Camboja caia». Por outras palavras, os Estados Unidos pretendem através de uma esca-tada militar impedir que o Camboja volte a cair totalmente nas mãos do seu proprio povo, pois a majoria do território foi já libertado pelos combatentes da FUNK.

«Nunca estivemos tão fortes e o inimigo nunca esteve tão fracodeclarou há dias o príncipe Sihanouk. — Mas os americanos e os sul-vietnamitas prepararam já unidades para serem lançadas de aviões a fim de nos atacarem no aeroporto de Pochetong e em Phnom Penh.» O príncipe Sihanouk tem razão. Unidades da Marinha dos Estados

Unidos concentram-se no golfo da Tailândia com propósitos claramente agressivos. No porta-helicópteros «Okinawa» foram embarcados 1500 fuzileiros navais cuja intervenção, através de uma largada em pára-quedas,

Os argumentos invocados por Washington para justificar essa provocação são os mesmos de sempre. «Temos sempre planos de emergência - afirmou o secretário da Defesa James Schlesinger — e é obrigação do Governo proteger os cidadãos norte-americanos. Estamos preparados para empregar fuzileiros navais, a fim de evacuar americanos, se isso se tornar necessário.» A linguagem do presidente Gerald Ford não é muito diferente. Prepara o clima para a agressão. Garante que não haverá envolimento militar, que «todos os soldados americanos regressarão ao país». Mas pede milhões para ajudar «o governo aliado» de Lon Nol e manda a esquadra para o golfo da Tailândia. Proclama em tom angustioso que é indispensavel que o governo de Lon Nol se mantenha, pelo menos, até à próxima estação das chuvas, altura em que poderia negociar com «os rebeldes e pôr fim ao horror e à tragédia que vemos na televisão».

O horror e a tragédia são reais. Mas quem desencadeou a guerra, quem é responsável pela ruína do país e pela morte de centenas de milhares de cambogianos? Os Estados Unidos. Apresentar Lon Nol e o seu governo fantoche como o Camboja é, como diz o camarada Wilfred Burchett - o grande jornalista australiano - «uma estranha maneira de disfarçar o mais terrível erro que a administração Nixon-Kissinger iá cometeu no Sudeste asiático». E Ford quer cometer outro semelhante, numa tentativa desesperada para encontrar numa aventura militar a saída para a crise que o seu país atravessa, crise que é o prenúncio de uma crise geral do capitalismo.

O plano de intervenção elaborado pelo Governo americano e pelo Pentágono prevê - segundo a agência Tass - «a ocupação pelos fuzileiros americanos do aeroporto de Phnom Penh, ou seja a participação directa das Forças Armadas dos EUA nas acções de guerra

Em Phnom Penh há apenas 200 ou 300 civis americanos. As suas vidas não estão ameacadas e os EUA já receberam todas as garantias da FUNK a esse respeito. Mas o imperialismo americano prepara-se para uma agressão semelhatne à de 1965, quando, a pretexto de «protegerem» um punhado de industriais e comerciantes americanos, desembarcaram tropas em São Domingos e afogaram num mar de sangue a revolução dominicana.

As leis aprovadas pelo Congresso dos Estados Unidos proíbem envio de armas e soldados para o Camboja. Mas Ford e Kissinger, o Governo e o Pentágono, saltam por cima das leis. Nunca deixaram de enviar armas. Agora, os fuzileiros do «Okinawa» podem ser lançados de um momento para o outro sobre Phnom Penh.

Quem é responsável — repetimos — pelo horror e pela tragédia? No momento em que o povo do Camboja trava uma batalha decisiva para liquidar os últimos vestígios da dominação estrangeira, os EUA organizam activamente uma nova agressão.

A solidariedade do povo português ao povo heróico do Camboja é um imperativo moral e político. Uma nova escalada militar do imperialismo americano no Sudeste asiático constituiria também uma ameaça ao avanco da Revolução Portuguesa.

O Partido Comunista Brasileiro denuncia repressão e exorta o povo a lutar

A Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Brasileiro divulgou uma nota na qual responsabiliza o Governo do general Erconquistada para a Unidade Popular. E até parte da máquina partidária. nesto Geisel pela ctual onda de terror polícial desencadeada contra o povo do Brasil. Comentando a campanha anticomunista e as declarações provocatórias do ministro da Justiça, Armando Falcão, sobre o assalto a oficinas gráficas do PCB no Rio e em São Paulo, a nota assinala: «O que a opinião pública exige e quer saber é aonde estão os patriotas relacionados na nota do ministro, entre eles: David Capistrano da Costa, João Massena de Melo, Luiz Inácio Maranhão Filho e Walter de Souza Ribeiro, membros do Comité Central do PCB, apresentando-os vivos e de público, como, igualnente, outros presos como Marco António Coelho, Jaime Miranda, Elson Costa e Iran Lima e dezenas de patriotas sequestrados pela ditadura nos últimos dias. Esses factos não devem abater o ânimo dos que lutam contra a ditadura, particularmente, os comunistas. Devem ser para todos nós um estímulo para avançar, um motivo forte para a correcção de nossos erros e falhas na luta contra o fascismo, uma razão a mais para uma justa aplicação da linha política do Partido, a unidade e a coesão emnossas fileiras.

O PCB propõe — mais uma vez — a todas as forças prejudicadas pelo carácter fascista assumido pela ditadura militar, que se unam numa ampla frente patriótica antifascista e avancem na luta pela unidade e em ligação com as grandes massas de nosso povo, principalmente, com a classe operária

O PARTIDO COMUNISTA denuncia as manobras fascistas e as provotriotas e clama a todos que se opõem à arbitrariedade da ditadura a lutarem

políticos e a garantia das liberdades e dos direitos da pessoa humana, consagrados pela ONU.

É indispensável, para tanto, o fortalecimento ideológico, político e orgenizativo do Partido e a correcta aplicação de sua linha política de massas. Devemos actuar, levando em conta o clima de repressão e enfrentar, com tenacidade e espírito revolucionário, as investidas e provocações da reacção contra o Partido, sabendo defendê-lo.

Por uma campanha de solidariedade nacional às famílias das vítimas da reacção e aos presos e perseguidos políticos! Pela intensificação das lutas contra o fascismo e a formação da frente única! Pelo reforçam da Imprensa e da agitação e propaganda do Partido! Viva o PARTIDO COMUNISTA BRASILEIROI

A COMISSÃO EXECUTIVA DO CC DO PCB

A campanha da ditadura brasileira contra o PCB intensificou-se nos últimos dias. Já depois de divulgada a nota que reproduzimos parcialmente, as forças de repressão, prenderam, somente em São Paulo, 60 pessoas sob a clássica alegação fascista de que desenvolviam «actividades subversivas». Ao anticomunismo mistura-se, agora, num estranho «cocktail», um anti-semitismo que parece copiado dos relatórios da gestapo nazi. A Polícia política acusa um imaginário «sector judaico» do PCB de ter contribuído para a eleição do deputado oposicionista Alberto Goldmann, um dos parlamentares democráticos mais votados nas últimas eleições legislativas, Acumulam-se, assim, os indícios de que o Governo inventa pretextos para repetir o que fez em anteriores oportunidades: «cassar» — é o termo brasileiro — os mandatos de deputados democráticos através da aplicação do Acto Institucional n.º 5, que confere poderes absolutos ao chefe da ditadura. Denunciando essas manobras, o PCB propõe o caminho da unidade e da luta: a formação de «uma ampla frente patriótica antifascista».

Quem desvirtua os factos em Proença-a-Nova e com que objectivos?

O 25 de Abril foi acolhido em Proença-a-Nova com um silêncio fúnebre. Dir-se-ia que o derrube do fascismo nada significava para o povo da pequena vila da Beira Baixa, como que perdidas todas as esperanças de liberdade, tantos os anos de opressão e exploração, tão enraizado o

medo de libertar a voz quotidianamente amordaçada pelos caciques locais. Mas a campanha de dinamização cultural do MFA andou pelas Beiras, passou a Proença-a-Nova, desmistificou ídolos com pés de barro, levou ao povo a coragem de arrancar a mordaça e trazer para a rua os problemas tanto tempo sentidos e reprimidos,

O desenvolar dos acontecimentos ocorridos no Colégio Diocesano de Proença-a-Nova é um exemplo elucidativo.

Severas críticas têm sido feitas pela Secretaria Episcopal de Portaegre aos elementos do MFA fixados naquela vila pois, segundo afirma aquele organismo eclesiástico, a ocupação do colégio de Proença-a-Nova pelas Forças Armadas obedeceu a «um plano previamente elaborado» e foi um acto de «escandalosa oposição ao programa do MFA».

Também os padres do arciprestado local tomaram posição quanto aos factos ocorridos no colégio, contestando «a intervenção e autoritárias decisões tomadas por representantes do MFA». No mesmo comunicado define-se ainda o que se entende por ensino ao serviço do povo. Afirma--se nomeadamente a discordância de «métodos repressivos, como sistema de educação», e a terminar recorda-se que «se a população de Proença-a--Nova, a pedido da Igreja, por confiança e garantia nela depositada, contribuiu generosamente com mais de 500 contos, a diocesse, sensível à promoção cultural desta zona, tão abandonada e sem quaisquer hipóteses de ser considerada, abonou ou deu aval a uma soma de 3000 contos.»

A banda está afinada. Primeiro os ataques ao MFA partiram de elementos inexpressivos da reacção em regiões visitadas pelas equipas do Movimento; depois intervieram no debate dirigentes de partidos políticos; agora quem pretende colocar o MFA no banco dos réus é uma autoridade eclesiástica. E de que é acusado o MFA? Em primeiro lugar de violar o seu próprio programa através da campanha de dinamização popular. Antes do 28 de Setembro, as palavras eramoutras, mas o objectivo era o mesmo. A «maioria silenciosa» invocava a fidelidade ao programa para impedir que ele fosse executado. Quem conhece, afinal, o programa e deve zelar pelo seu cumprimento? As equipas do MFA ou aqueles que, atingidos por medidas democráticas e saneadoras, criticam os oficiais que as aplicam?

O MFA é acusado de desvirtuar os factos, de ter ocupado ilegal e arbitrariamente, um colégio diocesano que era um modelo de escola democrática. Mas afinal, quem construiu esse colégio? As autoridades eclesiásticas ter-se-ão esquecido que o próprio vigário da vila, padre Alfredo, informou o bispo de Portalegre, em carta de 12 de Março de 1968 que, até à altura em que foi demitido de director do colégio - e nessa altura o edifício já estava construído - não sacrificou a diocesse qualquer dinheiro dos seus cofres, antes pelo contrário foram os paroquianos de Proença-a-Nova, residentes dentro e fora da paróquia, que com todos os sacrifícios contribuíram com o dinheiro necessário para a construção da obra, a tal ponto que quando mesma terminou ainda existiam 100 contos que foram confiados à Diocese?

E não serão métodos repressivos os castigos aplicados aos alunos, que iam desde agressões físicas até aos maiores vexames, como por exemplo, serem pendurados nas portas de cabeça para baixo ou serem postos em exposição amarrados em cadeiras, no colégio ou na praça da vila? Serão isto métodos pedagógicos adequados a «um modelo de escola democrática»?

Curiosamente, em muitas vilas e aldeias do distrito de Castelo Branco que se acham sob a autoridade eclesiástica da Secretaria Episcopal de Portalegre foram as equipas do MFA que permitiram com a sua presença a realização de comícios e sessões de esclarecimento, que tornaram possível o diálogo com o povo. Antes da sua chegada, os caciques da reacção, os senhores da ex-ANP, os antigos legionários, comportavam-se como donos das aldeias.

O 25 de Abril entrou em dezenas de freguesias da Beira Baixa pela mão do MFA. Não consta que a Secretaria Episcopal de Portalegre tenha tomado, na altura própria, medidas adequadas para impedir certos párocos de usarem os boletins paroquiais como instrumentos de propaganda da «maioria silenciosa» e de campanhas contra as Forças Armadas e o Governo Provisório. A Secretaria Episcopal não manifestou a sua indignação quando certos párocos se negaram a autorizar a realização de sessões de esclareicmento em salões comunitários construídos com o dinheiro do povo e pelo povo, como aconteceu no concelho de Idanha-a-Nova. Nunca teve uma palavra de elogio para o comportamento dos católicos progressistas que na região colaboraram com o MFA. Agora, porém, insurge-se quando o MFA intervem num colégio que era um antro da reacção e promove uma sindicância a actividades fraudulentas e repressivas.

O 25 de Abril chegou, finalmente, a Proença-a-Nova. Quem desvirtua os factos? Quem fala em nome do povo?

A saúde em debate na televisão

Os problemas da Saúde já tinham sido discutidos na televisão. Mas nunca com tanta amplitude como durante o último Teledomingo. Profissionais de todos os ramos do sector — médicos, enfermeiros, assistentes sociais - e também representantes das populações, de sindicatos e de grupos sociais com direito aos benefícios do Serviço Nacional de Saúde estiveram presentes.

Assistiu-se a um debate importante, um debate positivo ligado ao lancamento do I Congresso Nacional da Saúde.

A discussão permitiu esclarecer muita coisa e abrir perspectivas. Foi a primeira vez que na televisão apareceram trabalhadores para discutir com profissionais da Saúde temas de interesse comum, temas que interessam a todo o povo. A legitimidade das queixas não pode ser contestada, mas a análise das causas, tal como por vezes foi feita, nem sempre levou à identificação das verdadeiras origens das questões colocadas. As acusações aos médicos como trabalhadores da saúde foram demasiado generalizantes e, portanto, pouco justas. Na realidade, entre os médicos, como em todas as categorias profissionais, há reaccionários e progressistas. E é bom não esquecer que os médicos progressistas travam actualmente uma luta muito importante contra os reaccionários, uma luta que vem aliás, de longe. Na Secção Regional do Sul do Sindicato dos Médicos há mais de uma década que médicos progressistas se vêm batendo pelos legítimos direitos do povo à saúde. Para muitos, essa atitude significou a demissão, perseguições ou a prisão nas masmorras da PIDE-DGS.

O debate do Teledomingo confirmou, porém, a necessidade da participação da população a todos os níveis num Serviço Nacional de Saúde. Só assim poderá haver um controlo eficaz que coloque esse sector social ao serviço do povo. É preciso não esquecer que as causas profundas da má assistência médica prestada ao povo português são inseparáveis de uma engrenagem montada ao longo de 48 anos de fascismo e manipulada por uma engrenagem do capital monopolista, nacional e estrangeiro (grandes indústrias, clínicas de luxo, laboratórios de produtos farmacêuticos), cujos principais centros de decisão se localizam sobretudo no estrangeiro.

Que pretende o «New York Times»? A campanha de calúnias orquestrada em certos países contra a re-

volução portuguesa prossegue. O anticomunismo é o tema favorito e permanente de influentes órgãos da chamada grande Imprensa do ocidente. cações do governo, os assassínios, tortura, sequestros e prisões de pa- O «New York Times», o mais qualificado porta-voz do imperialismo americano, dedica-nos um editorial intitulado «Os comunistas de Portugal». pela revogação do Al-5, a amnistia para todos os presos e perseguidos. O artigo é um amontoado de erros, de informações falsas ou deturpadas,

de insinuações venenosas, de profecias e ameaças. Em primeido lugar, a Junta de Salvação Nacional — a que o articulista chama Junta Militar de Governo — é apresentada como um órgão executivo dotado de poderes quase absolutos, que seria encorajado pelos comunistas». Os governos civis aparecem transformados em «governos estaduais». Segundo o «New York Times» o PCP conseguiu, também com êxito, influenciá-los para que nos oferecessem «posições de «contrôle» nos meios de Informação, nas organizações estudantis e nos sindicatos trabalhistas». O general António Spínola teria renunciado por se opor a essa tendência. O debate em torno da unidade e unicidade sindicais é igualmente apresentado em termos inteiramente fantasistas. Na opinião do mais poderoso e influente órgão de Informação do mundo capitalista, os «comunistas prevaleceram sobre os militares» no tocante à aprovação da lei que consagrou o princípio da unicidade e «as demonstrações do protesto dos socialistas foram proibidas por meio de manobras comunistas». O «New York Times» insinua ainda que a «violência esquerdista» utilizada para boicotar o Congresso do CDS foi também uma manobra do PCP.

Quando o editorialista se refere ao PPD e ao PS, o tom é, evidentemente. outro. O «NYT» garante que os comunistas, se as eleições forem livres, obterão «fracos resultados». E cita «os resultados das pesquisas de opinião pública». Mas não diz, claro, que pesquisas são essas, nem publica números. Limita-se a afirmar que os comunistas «encorajarão maior violência e intimidação por parte da esquerda, na esperança de alterar os resultados, ou mesmo de preparar o terreno para um golpe». O PS e o PPD seriam as vítimas desse «jogo táctico, a despeito do crescente apoio popular que vêm recebendo». O secretário-geral do PPD é apresentado como o «Ilder popular democrático» que se bate contra os «perigos intoleráveis» que ameaçariam a democracia em Portugal.

É apenas uma pequena amostra do editorial de um jornal que pretende ser o mais sério, o mais objectivo, o mais bem informado de todos os órgãos de Informação do mundo. Um jornal - note-se que mantém em Lisboa um correspondente permanente.

Todos os factos são intencionalmente deturpados com o objectivo transparente de forçar o leitor a conclusões falsas. Mas a deturpação é tão grosseira como ridícula. A Junta de Salvação Nacional é transformada num superpoder ditatorial, os governos civis são apresentados como cópias dos governos estaduais americanos - que dispõem de amplos poderes executivos e legislativos. Não há uma referência à «maioria silenciosa» e aos motivos reais da intentona do 28 de Setembro. Insinua-se que as Forças Armadas estão divididas e, através de uma redacção deliberadamente confusa, procura-se dar a impressão de que o MFA se opunha ao princípio da unicidade sindical, tendo entrado em choque com o PCP. Inventam-se pesquisas de opinião pública favoráveis ao PS e ao PPD e inventa-se uma falsa fraqueza eleitoral do nosso Partido. A coroar essa montanha de afirmações e opiniões cheias de veneno, o «New York Times» estabelece uma confusão propositada entre o PCP e os grupelhos esquerdistas de provocadores que boicotaram o Congresso do CDS e se esforçam por sabotar a realização das eleições para a Constituinte. Cria para o leitor uma imagem dos demónios comunistas e embeleza a dos anjos democráticos e populares, personificados nos dirigentes dos outros partidos da coligação governamental.

No recheio do editorial estão todos os temperos habituais da campanha de calúnias contra a revolução portuguesa e contra o PCP. O quadro geral é o de um país à beira do caos, no qual o nosso Partido se destaca como sabotador das eleições, como responsável pela «violência esquerdista», como controlador dos órgãos de Informação. O artigo constitui um exemplo expressivo da «objectividade» da grande Imprensa do mundo capitalista. Mas o «NYT» não se limita a traçar o quadro de um Portugal que só existe na sua imaginação. Estabelece a relação entre o processo revolucionário português e a situação internacional para extrair conclusões e fazer ameaças. E ai abre completamente o jogo do imperialismo. O Portugal livre e democrático representaria uma «óbvia ameaça estratégica» àquilo que define como «as linhas vitais de comunicação da marinha norte--americana com o Mediterrâneo e a região da Europa abrangida pela NATO». A suposta tomada do Poder pelos comunistas é agitada como um espantalho. Poderia - escreve o «NYT» - «encorajar o aparecimento de uma tendência semelhante na Itália e França, criar problemas na Grécia e na Turquia, afectar a sucessão na Espanha e na Joguslávia e suscitar tremores em toda a Europa Ocidental». Fica claro como água que o imperialismo americano teme o

avanço da revolução democrática e nacional em Portugal. Nunca viu quaisquer perigos no fascismo e no colonialismo, ao longo de 48 anos. Eram aliados. Nunca viu ameaças à democracia e à liberdade quando os órgãos de Informação estavam sob «contrôle» fascista e a PIDE prendia, torturava e assassinava milhares de patriotas portugueses. Agora, quando o povo português retoma nas mãos o seu destino e luta para construir um amanhã de paz, de liberdade, de progresso, de cultura, Portugal representa uma ameaca terrivel. Porquê? Os Estados Unidos, potência americana, consideram os países da Europa Ocidental - e até a própria Jugoslávia - incluídos no espaço político e económico do imperialismo americano, encaram o Mediterrâneo como um lago americano. Um Portugal verdadeiramente independente, livre de tutelas, democrático e progressista alarma Washington. O editorial do «NYT» é apenas um eco das manobras de intimidação de uma estratégia que nega às pequenas nações o direito a uma independência real. Os comunistas portugueses são o alvo dos ataques e calúnias do arrogante matutino de Nova lorque porque o PCP desempenha um papel decisivo no processo revolucionário em curso, porque o imperialismo está assustado com a aliança entre o movimento popular de massas e o MFA, porque teme o avanço

da revolução democrática e nacional em Portugal. É tempo de que o imperialismo americano aprenda as lições da História. Os problemas do povo português devem ser resolvidos por ele próprio e não pelo imperialismo americano.

Sanear bem e depressa

O Conselho de Ministros aprovou recentemente um decreto-lei sobre saneamento. Pretende-se assim transformar a Administração Pública, de entrave, em dinamizador do processo democrático. O decreto publicado no primeiro Governo Provisório não solucionou de facto um problema particularmente agudo. É impensável que homens ligados ao fascismo le vem avante medidas que vão contra os seus próprios interesses. Gente gravemente comprometida com o fascismo está hoje ainda em lugares de destaque. É com essa situação que é urgente acabar. O decreto agora publicado aponta para a imediata demissão de todos os que estiveram intimamente ligados ao fascismo.

«Consideram-se demitidos da função pública, a contar da data da publicação deste diploma, se ainda o não tiverem sido a contar da data

a) Todos aqueles que, entre 28 de Maio de 1926 e 25 de Abril de 1974, hajam exercido as funções de Presidente da República e de Presidente do Conselho de Ministros;

b) Todos os funcionários da extinta Direcção-Geral de Segurança ou polícias suas predecessoras, professores das escolas dessas corporações e aqueles que nelas prestaram serviço não resultante do exercício necessário de outras funções; c)) Todos os informadores da extinta Direcção-Geral de Segurança ou

polícias suas predecessoras, e bem assim os que voluntariamente contripulram para facilitar a acção repressora daquelas organizações quando tal não seja resultante do exercício necessário de outras funções d) Os vigilantes das escolas de ensino superior e os funcionários,

agentes os responsáveis por quaisquer serviços informativos de índole repressiva, bem como de forças especiais, de choque ou de assalto, da extinta Legião Portuguesa e ainda os informadores deste organismo.» O decreto publicado, determina igualmente, a suspensão, com ins-

tauração de processo de saneamento, de todos os que são abrangidos pelas incapacidades eleitorais e os agentes da censura. Duma forma geral «Conforme o grau e a gravidade do seu comprometimento com o regime deposto, os funcionários ou agentes que, pelo seu comportamento, mostrem não oferecer actualmente garantias de idonei-

dade para o exercício das suas funções ou que revelem desrespeito pelos princípios consignados no Programa do Movimento das Forças Armadas, serão: a) transferidos, com ou sem diminuição de categoria ou vencimento, dentro de cada Ministério, ou de um Ministério para o outro; b) suspensos sem vencimento pelo período de seis meses a três anos; c) aposentados compulsivamente; d) demitidos.» A oportunidade deste decreto, transparece das próprias medidas

que preconiza. Todos sabíamos que o aparelho de Estado está ainda infestado de bufos, de elementos intimamente ligados ao regime terrorista deposto, à repressão. Impõe-se - impunha-se já há muito - a operação de «limpeza» agora preconizada. As medidas apontadas dizem-nos que tínhamos razão. Confirmam que a Administração Pública conta ainda nos seus quadros com agentes da PIDE, elementos de grupos de choque da Legião Portuguesa, «gorilas» que espancaram estudantes democratas nas suas lutas em defesa das AAEE e contra um ensino ao serviço dos monopólios.

Muita coisa há que o saneamento só por si não pode resolver. Mas com uma máquina de Estado emperrada pela acção obrigatoriamente nefasta dos resíduos fascistas, é impossível levar avante qualquer trabalho sério. A reacção tem aproveitado a presença de agentes seus no aparelho do Estado para proceder a uma sistemática acção de sabotagem. Não é só a aldeias dominadas por velhos caciques, senhores das riquezas locais, que o 25 de Abril ainda não chegou. Em muitos departamentos do Estado democrático que queremos consolidar, que queremos que corresponda aos justos anseios do povo português, isso é igualmente verdade.

Todos nós sabemos — e este decreto comprova-o — que as medidas de saneamento tomadas até agora são manifestamente insuficientes. Não se tem saneado de mais, não se tem saneado anarquicamente. Tem-se saenado de menos. Estes os factos. Nestas circunstâncias é de lamentar que haja ainda pessoas responsáveis que falem seriamente na necessidade de recuperação de elementos comprometidos com o fascismo. Os comunistas não defendem a vingança como método de actuação política. Condenam-na, E têm dado provas disso na sua actuação diária. Mas não é transigindo com aqueles que estiveram ligados à opressão do povo português, não é tratando-os com um liberalismo que eles sabem aproveitar devidamente, que se constrói

a democracia em Portugal. Os comunistas defendem o mais consequente humanismo. Mas não podem defender amplas liberdades para os que as utilizarão no esmagamento da liberdade para o nosso povo. Essas não têm lu-

gar na jovem democracia portuguesa. É urgente que a nossa terra seja limpa dos resíduos do fascismo.

23/20nte! 13/3/75 • 7

CONSTITUÍDA A UNIÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA

Entusiasmo e alegria, essa força que o fascismo não tonseguiu quebrar na juventude, encheu, no passado domingo, o Pavilhão dos Desportos durante a jornada de trabalho, mais que nunca motivo de festa, do I Encontro Nacional da União da Juventude Comunista.

Vindos de todos os pontos do País, milhares de jovens trabalhadores comunistas afirmaram inequivocamente a sua combatividade, a decisão inabalável de ocuparem o seu lugar na luta do povo português e de todos os povos do Mundo contra a exploração capitalista, pela paz e pela liberdade. Expressão máxima da confiança do nosso Partido nos seus jovens militantes, a criação da União da Juventude Comunista corresponde — como disse o camarada Alvaro Cunhal na sua intervenção, que transcrevemos em separado - à necessidade de uma organização revolucionária autónoma dos jovens trabalhadores comunistas, capaz de atrair os jovens mais combativos e conscientes e de constituir a vanguarda revolucionária da juventude trabalhadora.

A criação da União da Juventude Comunista traduz, também, mais uma prova de força, de vitalidade e da implantação nas massas trabalhadoras do PCP; é mais um valioso contributo à luta pela democracia, pelo socialismo, por uma sociedade sem classes.

É com legítimo orgulho e confiança que a União da Juventude Comunista se propõe levar a cabo a importante tarefa que lhe foi confiada, guiando-se pelos princípios do marxismo-leninismo e empunhando bem alto a bandeira do proletariado revolucionário, a gloriosa bandeira do

«como resultado da ampla

adesão da juventude traba-Ihadora portuguesa aos ideais

nismo e da sua participaão

activa e destacada na luta

pelo derrubamento da dita-

dura fascista e pelo fim das

guerras coloniais e no pro-

balhadores portugueses - o

PCP -, propõe-se unir, organi-

«uma organização autónoma»

unir as suas forças para lu-

tar pelas reivindicações e di-

reitos específicos da iuventu-de, pela consolidação e avan-

ço do processo democrático.

criada na Rádio Renascença

- assunto a que o «Avante!»

já se referiu - a Célula do

PCP dos Trabalhadores da

Rádio divulgou, na quinta-fei-

ra da semana passada o co-

A grande contradição que

procuram fazer avancar o

do democrático e a defesa

das liberdades, pela defesa da

estabilidade económica e fi-

nanceira com vista ao desen-

volvimento pelo prossegui-

municado seguinte:

Muito antes da hora marca- ção de princípios da União da da para o início dos traba-lhos do Encontro. 10 horas "como resultado da ampla da manhã, começaram a afluir ao Pavilhão dos Desportos numerosas (e ruido- do Socialismo e do Comusas) delegações de jovens nismo e da sua participaão comunistas que, empunhando rubras bandeiras desfilaram pelas ruas da cidade saudando a manhã e o mundo, pondo uma nota festiva no do-

mingo citadino. Na mesa que dirigiu os trabalhos estiveram presentes os elementos da comissão organizadora que preparou o Encontro e ainda os camaradas Álvaro Cunhal secretário geral do PCP: Octávio Pato, do secretariado da comissão política do CC do PCP; Jaime Serra do CC do PCP.

No decorrer do Encontro, intervieram 24 jovens trabalhadores de diferentes pontos do País e actividades profissionais, debrucando-se, na generalidade sobre os problemas que mais afectam a ju-ventude trabalhadora, nomeadamente o desemprego e as descriminações de que são vitimas, bem como as reivin- pela liquidação do poder eco- nho à contra-revolução,» dicações específicas da juventude e da classe trabalhadora em geral. Claramente expresso em todas as intervenções foi a imensa alegria e o empolgante entusiasmo com que os jovens trabalhadores de Norte a Sul do País encara-ram a formação da União da Juventude Comunista.

Constantemente interrompidos pelos calorosos aplausos da jovem assembleia ou pelas sentidas palavras de ordem vivamente gritadas, es delegados oradores levaram ao Encontro, na linguagem simples e despida de demagogias que caracteriza a juventude trabalhadora, a voz dos pescadores de Sesimbra, dos vidreiros da Marinha Grande dos electricistas do Porto, dos trabalhadores rurais de Évora, dos pedreiros de Fafe e de tantos outros, na afirmação unânime de que a juventude trabalhadora comunista não se poupará a esforços e está pronta aos necessários sacrifícios para ser digna do seu partido e do seu

Proclamação da UJC

Já a meio da tarde centenas de delegados votaram e aprovaram; por, esmagadora mento da descolonização; as manobra reaccionária pela maioria (apenas com 3 abssegundas procuram entravar alegação de que as liberdatencões) o texto da proclama- o processo, criando um am- des estão em perigo. Desta

latifundios, pela construção de um regime democrático, pelo fim da exploração do homem pelo homem, pelo socialismo e comunismo»

«Luta pelos interesses de classe da juventude trabalhadora

Na proclamação aprovada, a UJC apresenta os seus principais objectivos de luta. Assim, no capítulo da «Luta pelos interesses de classe da Juventude Comunista», apon-

Neste campo, a UJC apre- povo e o País. Os monopólios senta como «objectivos de e os grandes agrários perdeluta imediata»: «a luta contra ram o poder político, mas o poder económico dos mo- continuam a deter grande nopólios e latifundiários, pe- parte do poder económico.» dos tempos livres».

A UJC considera ainda que o poder económico aos mono-«a conquista destes objectivos, estreitamente ligados aos objectivos gerais da classe descolonização, a UJC afirma: operária e das massas tra- «os povos e a juventude por-

lo direito ao trabalho e pelo melhoramento das con-dições de vida da juventude o processo democrático estagtrabalhadora», «a luta pelo naria e retrocederia, criandodireito ao ensino e à cultura», se condições que permitiriam «a luta pelo direito ao des- o restabelecimento de uma porto e pelo aproveitamento nova ditadura fascista. É necessário e urgente arrancar

dos anseios e aspirações das massas populares e da juventude, e intransigente defensor e propulsionador do processo revolucionário», prossegue sa-lientando que, «lutando hoje ao lado da classe operária, das massas populares, das forças progressistas, pela consolidação do processo democrático, pela liquidação do poder dos monopólios e lati-fúndios (luta esta que é parte integrante da luta pelo socialismo), a União da Juventude Comunista está dando uma importante contribuição para

boração e unidade com outras organizações juvenis progressistas, definindo-se objectivos concretos de acção».

«A União da Juventude Comunista surge na sequência das tradições revolucionárias da juventude trabalhadora durante a longa noite fascista. É a continuadora da Federação das Juventudes Comunistas e do grande mo-vimento unitário de massas que foi o MUD juvenil. (...) À UJC educa-se no espírito de luta que, nas fábricas, nos campos e nas ruas, animou Moura Marques da Silva, 20, monitor de natação - Santa rém; Domingos Oliveira, 21, serralheiro mecânico — Lis-boa; José Pedro Correia Soa-res, 24, tipógrafo — Lisboa; Maria Graziela de Sousa, 19, operária têxtil - Tortosendo; Ansia da Anunciação Silva, 26, operária de electrónica – Sacavém (Lisboa): Diamantino Patarata Cabrita, 22, electricista — Setúbal; António Licínio de Carvalho, 23, metalúrgico — Guarda; Gaspar Alberto Ribeiro Gonçalves Pereira, 21, electricista — Porto: Fernando Augusto Correia, 25, metalúrgico — Porto; Fá-tima Garcia, 20, caixeira — Porto; Vítor Manuel Machado Guerreiro, 18, electricista Ermidas-Sado (Santiago do Cacém); Jorge Manuel de Jesus Leite, 23, pintor cerâmico — Agueda (Aveiro): Henrique Florentino Pacheco das Neves, 18, metalúrgico — Aveiro; Vítor Luís da Silva Otão, 22, metali (los (Lisnave) — Al-mada (Lostúbal).

A juventude do mundo saúda a UJC

Durante o E contro, intervieram ainda Joaquim Pina de Moura (da Comissão Central da UEC), Serge Dubrosky (secretário-adjunto da Fe-deração Mundial das Juven-tudes Democráticas), Jean Michel Catala (do CC do Partido Comunista Francês e do se-cretariado da JCF) e Cláudio Fuscarreti (elemento da secção internacional da Juventude Comunista Italiana).

O camarada da FMJD, Serge Dubrosky, ao transmitir à UJC as fraternais saudações de mais de uma centena de organizações juvenis, salientou que os jovens progressistas do mundo inteiro seguem com interesse e entusiasmo a luta da juventude e do povo português, e que o próximo 25 de Abril, 1.º aniversário da revolução triunfante, será uma importante data festejada por todos os povos do mundo solidários com Portu-

Foram ainda lidas no decorrer do Encontro várias saudações enviadas à UJC, nomeadamente da Juventude Socialista.

A intervenção do camarada Alvaro Cunhal, seguiu-se uma parte de convívio, em que participaram o Grupo Infan-til de Vale de Vargos, Intrói-to, Luísa Basto, Fausto, Jorge Letria e Mário Castrim.



ta-se que: «Apesar das medidas progressistas exigidas e impulsionadas pelo grande movimento de massas e adop-tadas pelo Governo Provisório, o poder económico dos cesso revolucionário em cur-so após o 25 de Abril», a UJC, «guiando-se pelos princípios grupos monopolistas e dos latifundiários continua sendo do marxismo-leninismo e eso principal entrave à subida do nível de vida dos traba-lhadores, ao melhoramento treitamento ligada à vanguarda revolucionária dos tradas condições de vida da juventude, no desenvolvimento do processo democrático. Conzar e conduzir a juventude à luta pelos seus objectivos estrariando os interesses vitais luta pelos seus objectivos es-pecíficos» e apresenta-se como das classes laboriosas e do País, os grupos monopolistas tentam apunhalar a ordem onde «se poderão filiar todos democrática e as verdadeiras forças progressistas, servinos jovens trabalhadores, operários das fábricas e dos camdo-se da sabotagem, dos despos, camponeses pescadores pedimentos e de outras fore empregados que queiram mas de actuação, para manterem a exploração e a mi-séria da juventude e do povo

revolução democrática portu-

guesa, para abrirem o cami-

A SITUAÇÃO NA RÁDIO RENASCENÇA

DOS TRABALHADORES DA RÁDIO

são entre os portugueses.

É no âmbito das manobras

contra - revolucionárias que

surge a tentativa de divisão

agora avançar lançando uma

causa de 11 trabalhadores da

Como todas as outras gran-

des ofensivas contra a liber-

dade, começou a presente

Rádio Renascenca Lda.

COMUNICADO DA CÉLULA

situação

guesa é a que separa as for- e saudosistas do clero e de

ças progressistas e as contra- certa imprensa reaccionária,

-revolucionárias. As primeiras a contra-revolução procura

processo revolucionário, lu- questão religiosa, com base

tando pelo reforço do Esta- no despedimento sem justa

transformação ridical da situação da juventude trabalhadora portuguesa, assegurando-lhe o direito ao traba-lho, à vida, ao amor e à feli-

«Luta pela edificação do novo Portugal democrático»

No segundo ponto da proclamação recordam-se as li-berdades conquistadas com o 25 de Abril e aponta-se a necessidade, no plano político, de «medidas para defender, consolidar e reforçar o novo Estado democrático» e ser «assegurado o exercício efectivo das liberdades conquistadas e o respeito pela ordem democrática».

E continuava: «No plano trabalhador, para travarem a económico, é necessário que os recursos, as riquezas, as terras e os capitais sirvam o

balhadoras, significará uma tuguesa e africana alcançaram históricas vitórias de indiscutíveis repercussões.»

«Hoje, a juventude que ainda vai para África não vai para combater povos irmãos, mas para apoiar a descolonização e o acesso à independência dos povos que se liber-tam do colonialismo português. A atitude perante o serviço militar tem de ser encarada hoje de uma maneira diferente. Cumprir o serviço militar, defender os interesses da pátria e do povo, são deveres da juventude no novo Por-

tugal democrático.» Depois de reafirmar que a UJC «lutará intransigentemente pela unidade da juventude trabalhadora e da juventude em geral, pela unidade das forças democráticas verdadeiramente interessadas na de-mocratização do País», a União da Juventude Comunista proclama «que só a aliança indestmutível entre o movimento popular de mas-sas e o MFA é garantia do avanço do processo revolucionário. Só o reforço desta aliança assegurará a defesa das liberdades e o prosseguimento da democratização do País. Só a consolidação desta aliança tornará possível mais profundas transformações so-

A concluir, recorda a grande batalha que se aproxima para as eleições da Assembleia Constituinte e afirma que a UJC «lutará com toda biente de perturbação e divi- vez procura-se fazer crer que aos candidatos comunistas, força e energia candidatos do povo».

«Luta pelo socialismo e o comunismon

Na última parte da sua proclamação, a UJC começa por afirmar que «procurará atrair a juventude trabalha-dora à luta pelo socialismo e comunismo, grandes ideais da juventude», pois «só o so-cialismo poderá vir a dar soluções à todos os graves problemas com que se deba-tem a juventude e o povo por-tuguês, abolindo a exploração do homem pelo homem, pondo fim para sempre à miseria, ao desemprego e à desiualdade social»

Manifestando a firme decisão da UJC em combater «firmemente a campanha anticomunista e anti-soviética em ue participam pseudo-revolucionários, oportunistas e a reacção unindo-se, no plano interno, numa «santa aliança» que define como «inimigo comum» o PCP — que tem

COROS E DANÇAS

ditadura terrorista dos monopólios.

Como militantes do Partido

mana passada no nosso Pais os Coros e Danças do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos, que realizam uma digressão por diversas localidades promovida pela In-tersindical em colaboração com a FNAT. Os espectáculos são especialmente dedicados aos trabalhadores e os bilhetes, ao preço de 20\$00, encontram-se à venda nos Sindicatos e Uniões.

em Coimbra, às 21 horas, no dos e vigilantes em relação Gil Vicente; amanhã, na Maa todas as tentativas para rinha Grande, no Sporting desviar a luta dos seus objec. Clube, às 21; no sábado en Lisboa, no Pavilhão dos Des ortos, às 16 horas num es pectáculo dedicado às For irmadas, e às 21 para tod

a população; na segunda feira em Beja, às 21, no Pax e a defesa de uma rádio ao Júlia; e na terça no Bar-serviço do povo português e reiro, no Pavilhão Gimnodes-da democracia. portivo da CUF, às 21 horas.

um radioso futuro, para a vitória final do socialismo e do comunismo no nosso país.»

Na comissão central da UJC, a classe operária

A Proclamação da UJC termina afirmando estar «aberta a todos os jovens trabalhadores que queiram abraçar os seus objectivos e estejam prontos a lutar por eles»; «educará os seus membros no espírito de inteira dedica-ção à causa dos trabalhadores e da juventude, (...) nos ideias do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário»; «terá como principais direcções de trabalho as empresas, os campos, as escolas técnicas e outros locais de concentração da juventude trabalhadora, conduzindo-a à participação activa no processo revolucionário que vivemos»; «rege-se pelos princípios do centralismo democrá-

erguida a prisão e a tortura, a darem a vida pela liberdade do povo.» Após a aprovação da Proclamação e por proposta do PCP, a comissão organizadora do Encontro passou a ser a comissão central vigente até

milhares de jovens comunis-

tas, rapazes e raparigas, a lu-

tarem nas mais difíceis con-

dições, a resistirem ao inimi-

go, a defrontarem de cabeça

ao próximo Congresso da São os seguintes os membros dessa comissão: Celeste Maria dos Santos Matos, 18 anos, metalúrgica — Alcochete (Setúbal); Olívio Martins das Neves, 23, empregado de escritório — Braga; César Roussado, 29, desenha-dor — Lisboa; Manuel Alexan-dre da Luz Pacheco, 17, me-talúrgico — Cacém; José da Silva Pereira, 20, electricista

— Viana do Castelo; Adelino Guerra Besteiro, 21, electri-cista — Coimbra; José Luís Marques de Sousa, 20, empre-

gado — Leiria; Carlos Alberto

to Democrático de Mulheres na sua sede, um colóquio e finalizando com exibição de organizações de mocráticas. comemorou-se por todo o País o dia 8 de Março, Dia Internacional da Mulher. Festejado pela primeira vez em liberdade, o dia 8 de Março continua a ser para as mulheres portuguesas uma jor- onde se realizou um comício, nada de luta. Muito continua por fazer, quase tudo, no que respeita à situação da mulher em Portugal. Só a luta quotidiana nas fábricas, nos campos, nos escritórios, no próprio lar, conseguirá derrubar a barreira social, económica e política que até agora tem impedido a mulher de desempenhar o seu papel como parte integrante da sociedade

Do programa das comemo rações promovidas pelo MDM à escala nacional recordamos algumas das mais importantes.

portuguesa.

Em Lisboa, o MDM levou a cabo, no passado dia 7, no Teatro S. Luiz, uma sessão político-cultural, em homena-gem à memória da democrata dr. Maria Isabel Aboim Inglês, que se seguiu à entrega, ao meio-dia, na Câmara Municipal, de um abaixo-assi-nado pedindo que fosse dado o seu nome a uma rua da capital. Na sessão, presidida por Maria Lamas, intervieram o prof. Dias Amado, Maria das Dores Cabrita, Marilia de Oliveira, Alice Maia Maga-lhães e Alvaro Salema. Estiveram presentes, entre ou-tros, o coronel Simões e o alferes Soares, do MFA, o eng. Caldeira Rodrigues, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, dr. Maria Isabel Aboim Inglês, filha da homenageada, dr. Maria Luísa Costo Biacada a como de como Costa Dias, da comissão executiva do MDM, dr. Vasco Magalhães Vilhena e prof. Melo de Carvalho, directorgeral dos Desportos.

Na segunda parte realizouse um concerto de música contemporânea com Anabela Chaves e Aníbal Lima, decla-mação de poemas por Rogério Paulo, Henriqueta Maya Carlos César, seguidos de canto livre em que participaram Luíza Basto, Intróito, Jorge Letria e José Barata Moura.

Caldas da Rainha organizou também um programa come morativo do Dia Internacio-nal da Mulher, que integrou uma exposição fotográfica so bre «A mulher no mundo» patente ao público na Sala de Turismo. Por sua vez, o Grupo Cultural do Sindicato de

A Comissão do MDM das

Por iniciativa do Movimen- Seguros de Lisboa realizou, Teatro, pelo Grupo Adoque, com o apoio de diversas subordinado à situação da um grupo folclórico e canto mulher na actual sociedade livre portuguesa.

As comemorações do Dia Internacional da Mulher culdores à Praça do Comércio,

A noite, no Teatro da Trin-dade, foi exibida a peça, de Bertolt Brecht, «As Espingarminaram, no dia 8, com um das da Mãe Carrar», consadesfile popular dos Restauragrado pela Companhia da grado pela Companhia da Casa da Comédia ao primeiro 8 de Março comemorado em seguido de espectáculo de liberdade, em Portugal.

DESPORTO NOVO PARA O NOSSO PAÍS

política sobre os problemas do desporto foram os objectivos que orientaram a realização do Encontro Nacional do Desporto cuja fase de preparação durou três meses. No plenário com que se en-cerrou o ENDO realizado no passado dia 9, no pavilhão central do Instituto Superior Técnico, estiveram presentes na mesa de honra o secretá-rio de Estado dos Desportos, eng.º Casanovas; director-ge-ral, prof. Melo de Carvalho; prof. António Sousa Santos, além de outros elementos. Entre as várias moções

aprovadas salientam-se pela sua importância as que foram apresentadas sobre Desporto de trabalhadores Proposta para formas práticas de saneamento de certos organismos desportivos transformação do desport elitista em desporto de massa, consignação na nova Constituição da prática desportiva como direito fundamental do cidadão, etc. Estas moções foram aprovadas por maioria esmaga-dora de cerca das 1900 pessoas presentes e coincidiam com as posições sobre o desporto português contidas num documento apresentado ao Endo por um grupo de trabalho do nosso Partido. «Contribuição para um desporto novo em Portugal», assim se intitula o referido documento que constitui um estudo completo uma análise orien tadora doravante ndispensá

no nosso País, Deste modo, o nosso Partido assumindo as suas responsabilidades perante a resolução dos problemas nacio- ceito correcto das mesmas.

vel para a transformação do

desporto e da educação física

Repensar as finalidades do nais tem contribuído de tor desporto e contribuir para ma muito importante, através uma tomada de consciência de um grupo de militantes de um grupo de militantes bem dentro de tais problemas, para levar para diante (dentro do que está, aliás, consignado pelo nosso Programa sobre esta questão) o desenvolvimento de uma actividade que se inscreve nas necessidades objectivas do actual processo de democratização em curso no nosso

> Considerando que: 1 - A prática desportiva é

um direito do homem; 2-0 conceito e a existência, comum e universalmente aceites, de uma correcta prática desportiva, exigem uma sociedade autenticamente democrática, como condição

«sine qua non»; 3—As forças políticas mais representativas do País afirmam a intenção de construir uma sociedade democrática e como tal respeitadora dos legítimos interesses da pessoa

humana; 4 - No ENDO tem constituído expressão viva e continuada das delegações de todo o País, a afirmação do reconhecimento do direito de acesso do cidadão a todos os bens da cultura.

Propõe-se a seguinte moção, a fim de ser enviada em caso de aprovação ao Presidente da República, ao Governo Provisório, à Comissão Coor-denadora do MFA à Junta de Salvação Nacional e aos partidos políticos:

A inclusão formal e vincadamente expressa, na Constituição Política a elaborar brevemente, não só do direito de todo o cidadão à prática desportiva e à cultura do corpo, mas ainda de um con-

VIGILÂNCIA E LUTA CONTRA O DESEMPREGO

A sabotagem económica toma aspectos cada vez mais sub-reptícios e perigosos, exi gindo um acréscimo de vigilância das massas populares e dos organismos que legitimamente as representam. Frequentemente, surgem casos como o da IBM onde, segundo informações que reputamos fidedignas, se recusam encomendas a um cliente que gasta dezenas de milhares de contos por ano, com exigências de pontualidade que nunca fex, ignorando o facto de o circuito de pagamentos estar um pouco atrasado.

Essa grande multinacional, com sede nos Estados Unidos, que só estará em Portugal enquento the convier, serve cerca de 70 por cento do parque nacional de grandes computadores. Habituada ao descarado proteccionismo fascista e aos lucros desmedidos, afirma agora que nada tem a ver com a conjuntura nacional e aumentou as suas tabelas em 15 por cento para os equipamentos (computadores e acessórios) alugados e em 22 por cento para

a manutenção dos equipamentos comprados. Informações condizentes e de várias fontes alertam-nos também para a urgência em ver como são autorizadas as transferências para pagamento a firmas estrangeiras do Know--How (tecnologia, servicos técnicos) e de materiais importados, bem como de trabalhos de «engineering» (estudos, projectos e desenhos), que podem ser executados por firmas portuguesas. Existem acordos entre capitalistas portugueses e firmas estrangeiras no sentido de estas lhes debitarem valores acima dos autênticos, para que, depois de transferidos, sejam postos- à disposição desses capitalistas em bancos estrangeiros. Assim se faz sair dinheiro do País e se evita a criação de postos de trabalho. Casos destes estão sobretudo a passar-se com o «projecto de Sines». As autorizações necessárias para essas transferências são concedidas pelo Banco de Portugal, mediante parecer da Direcção-Geral dos Serviços Industriais.

Os trabalhadores denunciam estas atitudes e o perigo que representam para o processo democrático em curso, fazendo valer ao mesmo tempo o direito ao trabalho e à garantia de emprego. É necessário, porém, que as entidades oficiais nomeadas para a defesa da economia nacional, nomeadamente contra a sabotagem, estejam por sua vez vigilantes e actuem contra as manobras subtis do grande capital, protegendo o emprego e secundando as tomadas de

posição dos trabalhadores. Entretanto, várias empresas, prósperas ou em boa situação até há poucos meses, alegam repentinamente dificuldades financeiras insuperáveis, que vêm a dar sempre no mesmo: salários e subsídios em atraso, recusa de pagamnto, despedimentos abusivos, ou tentativas para os levar a cabo. É o que, entre os casos mais recentes, está a suceder na Bucelense e outras empresas do Grupo Sernache (os trabalhadores pedem a nacionalização), na Plasmetal - Plásticos e Metalurgia, Lda. (ameaça de paralisação), e na Novobra.

A mobilização e a capacidade de iniciativa dos trabalhadores, permanentemente amea çados de desemprego, têm proporcionado formas de luta adequadas a cada caso e à situação de cada empresa. Mas há firmas onde, por mais correcta que seja a actuação dos traba-lhadores, nenhum passo se adiantará sem estudos adequados da capacidade produtiva, sem peritagens honestas e esclarecedoras, sem auxílios que protejam o direito ao trabalho estimulando a produção. Daí o ser imprescindível que se avance nesse campo, incentivando os créditos às pequenas e médias empresas que demonstrem ter capacidade para progredir sem atentar contra o processo de democratização em curso no País.

a revolução portuguesa aponta para a restrição da liber-dade de culto dos católicos.

Mas a reacção desmacara-se dos trabalhadores nela sobre. a si própria. Com efeito, e a valorização de falsas quesentidade patronal da Rádio tões como a questão religiosa. Renascença Lda., quem pro-Nesse sentido, e servindo-se cura desviar um conflito de domina a sociedade portu- de alguns sectores retrógados trabalho, pelo qual é a única responsável, para o âmbito de uma luta religiosa. Foi o Conselho de Gerência da Rádio Renascença quem proibiu a transmissão do terço e da missa que os trabalhadores. num inequívoco gesto de boa vontade e de intenção de em nada lesar o empenho dou-trinal da Igreja, se ropunha transmitir diariamente interrompendo para tanto a greve a que foram forçados a recor-

De resto, o próprio facto de programação reaccionária da Rádio Renascença nunca ter sido posta em causa pelo Conselho de Gerência permite uma clara leitura das verdadeiras intenções de quem pretende tirar partido da sensibilidade do momento político, promovendo e organizando o «descontamento» de algumas camadas da popula ção menos esclarecidas e me nos firmes nas suas convic

É contra a democracia que está a actuar a entidade patronal da Rádio Renascença. Mas outra coisa não é de esperar de quem acolhe e mantém no seu seio um intimo colaborador da LP, um dos mais violentos meios de repressão que sustentaram a

Como militantes do Partido dos trabalhadores repudiamos os despedimentos sem justa causa praticados na Rádio Renascença, cuja entidade patronal tenta assim contribuir para engrossar o caudal dos desempregados e criar um clima de insegurança; condenamos a intransigência do Conselho de Gerência da estação que insiste em bloquear uma situação que os trabalhadores têm procurado resolver; consequence que solver consequence que solv do Conselho de Gerência da resolver; esperamos que, unitivos, os nossos companheiras da Rádio Renascenca ence trem as formas ainstache desenvolvimento do atta

forma a conseguirem a retegração dos seus camerados

Alvaro Cunhal no Encontro da União da Juventude Comunista

O MOMENTO POLÍTICO E AS TAREFAS DA JUVENTUDE

Pessoas mal informadas pensarão talvez que este Encontro e a decisão de criar a União da Juventude Comunista marca o início da actividade da juventude comunista em Portugal. A verdade é que a juventude comunista tem grandes tradições de luta e nem no tempo do fascismo nem depois do 25 de Abril, deixou um só momento o combate.

Wante!

As formas de organização e acção dos jovens comunistas variaram através dos tempos. Tivemos durante muitos anos a Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas. Por iniciativa Partido e da Federação, formou-se mais tarde o MUD Juvenil. Mas mesmo em períodos em que não houve uma organização nacionalda juventude comunista, houve sempre actividade dos jovens comu-

Na actualidade, existe uma organização dos jovens comunistas estudantes — a União dos Estudantes Comunistas (UEC), mas não existe organização semelhante dos jovens trabalhadores. Ao Movimento da Juventude Trabalhadora (MJT) pertencem sem dúvida muitos jovens comunistas. Mas a organização e o movimento res-

pectivo têm um carácter unitário que pensamos ser de manter. O Partido sente legítimo orgulho pela actividade infatigável, por vezes heráica, dos jovens comunistas da UEC e dos jovens comunistas no MJT.

A UEC (az hoje frente com coragem à ofensiva da Santa Alian-ça de forças reaccionárias e oportunistas nas escolas. O MJT tem desempenhaco e continua a desempenhar um papel de alto valor para a organização e a luta da juventude trabalhadora.

Entretanto, o problema da organização comunista da juventude

trabalhadora estava por resolver.

Depois do 25 de Abril, aumentou consideravelmente o número de jovens comunistas organizados no Partido e noutras organizações e aumentou também a sua influência nas massas juvenis. A dispersão orgânica tornou-se, porém, um sério entrave ao desenvolvimento da actividade revolucionária da juventude trabalhadora.

A criação da União da Juventude Comunista corresponde à necessidade de uma organização revolucionária autónoma dos jovens trabalhadores comunistas, capaz de atrair os jovens mais combativos e conscientes e de constituir a vanguarda revolucionária da juventude trabalhadora.

O Comité Central do Partido saúda calorosamente o 1.º Encontro Nacional da Juventude Comunista, felicita-o pelo êxito dos seus trabalhos e saúda também, por intermédio dos delegados ao Encontro, os jovens comunistas de todo o País, confiante em que todos saberão estar à altura das suas novas e grandes responsabilidades. Este Encontro realiza-se num

momento grave da revolução democrática portuguesa.

O momento político

Os acontecimentos não deixam mais margem de dúvida: a reacção lançou uma nova grande ofensiva com vista a obter a curto prazo, antes das eleições, ou através das eleições, uma mudança da situação política

Precisamente no momento em que se aproximam as eleições, que deveriam desenvolver-se num ambiente de calma e segurança, precisamente no momento em que o MFA está tratando da sua institucionalização, precisamente no momento em que se discute a possibilidade de uma plataforma comum para a Constituinte, assiste-se a numerosas acções de carácter provocatório e reaccionário, que, obedecendo manifestamente a uma inspiração centralizada, visam uma rápida e extrema agudização de conflitos sociais e políticos, a desorganização da vida económica, a criação artificial de um ambiente de choque e de conflitos violentos, tudo tendente a uma condenação da situação democrática actual e à abertura das possibilidades da ins... tauração de um governo reaccionário da direita ao serviço dos monopólios e dos latifundiários.

Explorando dificuldades reais, procuram multiplicar-se e precipitar-se greves, manifestações e confrontos violentos contra o Governo e contra o MFA. A anunciada greve na TAP, certas manifestações de rua, os golpes de mão contra sindicatos, autarquias e escolas servem a reacção e não os trabalhadores.

O esquerdismo pseudo-revolucionário confirma uma vez mais o seu papel. As suas actividades inserem-se, não na luta do povo e das forças revolucionárias para fazer progredir o processo democrático, mas na ofensiva da contra-revolução para liquidar as liberdades.

A partir da provocação de 4 de Novembro contra a sede do CDS em Lisboa, certos actos de provocação, como os boicotes violentos de congressos de comícios de partidos da direita, aparecem como movidos por grupos que se chamam de extrema-esquerda.

Mas esses actos coincidem de tal forma com os objectivos da reacção que procura pretextar golpes das direitas em nome das liberria a ser impedido pela esquarda: esses actos provocatórios são de tal forma utilizados em Portugal e também no estrangeiro para por eles responsabilizar o Partido Comunista que, entretanto, severamente os combate; esses actos provocatórios bene ficiam de tal modo os planos da reacção que quase é de admitir que os próprios fascistas e as próprias «vítimas» de direita apareçam mascarados de esquerdistas a fazer as provocações contra si próprios.

O povo português está farto deste ambiente de conflitos constantes, de barulho e de provocações de grupos irresponsáveis. Está farto de pagar milhões de contos para escolas que pequenos grupos de estudantes que não estudam e de outros que não são estudantes não deixam funcionar. Está farto de grupos políticos que não fazem mais nada senão provocar conflitos, desordens e assaltos a sindicatos, a escolas e a outras instalações, numa obra de divisão e de desagregação que não apresenta um único elemento útil para a construção de uma nova sociedade democrática.

A reacção, vê-se bem, prossegue os mesmos objectivos que defi-niu desde o 25 de Abril: isolar, enfraquecer, desanimar, cansar, paralisar, tornar inoperantes e aniquilar, se possível, as principais forças que defendem o processo democrático, pôr o MFA fora da cena política portuguesa, afastar o PCP do Governo Provisório, desarticular e dissolver as organizações sindicais e todas as organizações democráticas de vanguarda.

Que não restam dúvidas a ninguém. Se esses objectivos fossem alcançados, a reacção ficaria com o caminho livre para num curto prazo liquidar as liberdades e instaurar uma nova ditadura.

A campanha anticomunista que atinge uma violência que jamais alcançou em 50 anos de fascismo, desempenha importante papel na ofensiva contra-revolucionária. Essa campanha não visa apenas o PCP, mas todas as forças progressistas, todas as forças populares e demo-cráticas que logo são apelidadas de «comunistas», desde que se mostrem dispostas a defender a liberdade e a fazer prosseguir o processo revolucionário.

É necessário reagir e reagir prontamente à ofensiva da reacção. O povo português não se deve deixar intimidar pela actual arrogância da provocação reaccionária.

Nós já ouvimos a mesma arrogância noutros momentos difíceis do processo democrático desde o 25 de Abril. Nós ouvimo-la, cama radas, em Junho, quando da tentativa do golpe do então ministro Palma Carlos, nós ouvimo-la mais tarde, quando da nova tentativa da «maioria silenciosa» polarizada em volta do então presidente da República, general António Spínola. Hoje, novamente, nós ouvimos essa mesma arrogância da reacção. Em Junho e em Setembro a arrogância não impediu que a reacção fosse derrotada. Hoje também temos razão para confiar que se a reacção tentar nova ofensiva com vista à liquidação da democracia no nosso País, novamente ela será

Medidas urgentes indispensáveis

As forcas da democracia e do progresso, se unidas, confiantes e decididas a agir, estão em condições de fazer frente à ampla ofensiva de provocações divisionistas e desagregadoras, de esmagar qualquer preparação de aventuras contra-revolucionárias e assegurar a realização de eleições em condições de liberdade.

A expectativa seria, porém, perigosa.

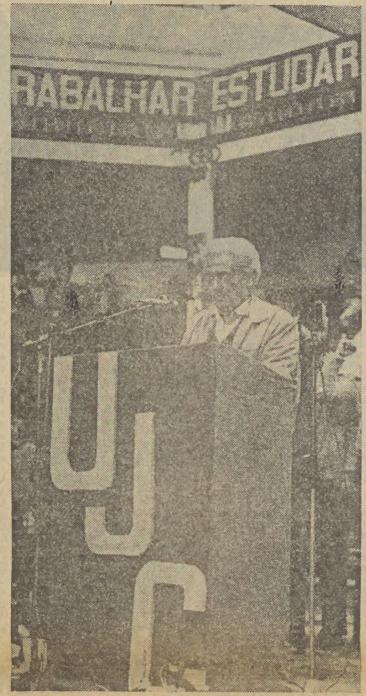
Para fazer frente à situação e impedir que ela se degrade rapidamente, são indispensáveis medidas urgentes de carácter político e

No plano político, é indispensável: reforçar o aparelho do Estado democrático, procedendo as necessárias reestruturações, efectuando o saneamento e colocando em todos os cargos de responsabilidade pessoas dedicadas à causa da democracia; tomar medidas sérias contra actividades contra-revolucionárias, castigando os autores e cúmplices de desordens e violências e os conspiradores reaccio-

No plano económico, é indispensável: pôr imediatamente em prática um verdadeiro controlo do poder económico; tomar enérgicas medidas contra a sabotagem económica que, provocada pela banca privada e pelos grupos monopolistas, está conduzindo o País à desorganização e ao caos; não hesitar na nacionalização dos bancos e empresas que sabotam a economia; aplicar, sem perda de tempo, as leis já aprovadas, relativas à agricultura; congelar os preços; — diminuir os altos rendimentos e restringir radicalmente consumos sumptuários, designadamente de artigos importados.

Estas medidas não podem ser consideradas para um «curto prazo», indefinido, que, com a lentidão do nosso aparelho estatal burocrático em alguns departamentos, pode significar semanas, meses. isto para não dizer anos. Trata-se de medidas que se torna necessário aplicar já, sem perda de tempo, e já deve significar, se possivel, uma questão de dias. Se a urgência de certas intervenções não é assim considerada, corre-se o risco de uma cada vez mais rápida degradação da situação económica e social, cada vez mais difícil de

A situação económica a que a reacção e os monopólios conduziram Portugal não poderá ser melhorada apenas por decretos. Só pode



ser melhorada com a participação activa dos trabalhadores e com a sua disposição, se necessário, a trabalhar mais e com mais intensidade. Isso é perfeitamente possível. Mas sob uma condição. De os trabalhadores saberem que o produto do seu trabalho suplementar não vai beneficiar os grandes capitalistas que são directamente responsáveis pela grave situação que o País atravessa. Os que criaram dificuldades devem ser os primeiros a pagá-las.

A hora da opção

Todos assistimos à campanha que alguns partidos fazem contra o PCP, contra o Governo Provisório e contra o MFA. Como classificar, senão de demagógica, a acção daqueles que no Governo não levantam um dedo contra certas medidas, e depois cá fora, protestam veementemente contra

O momento chegou em que os partidos políticos, nomeadamente os da coligação, têm de definir claramente os seus propósitos. A hora da opção é agora e não depois das eleições

O que quer o PPD? Passar de vez para a barca da reacção, como muitos dos seus papéis e algumas das suas actividades parece indicarem, ou tentar ainda prosseguir uma política de coligação com as forças democráticas? É o momento de responder, não apenas em termos gerais, mas pelos actos. E o que quer o PS? Uma aliança com as forças democráticas contra a reacção e contra o poder económico dos monopólios, ou um pacto com a reacção e os monopólios, contra os trabalhadores, contra o PCP e outras forças democráticas?

Uma vez mais declaramos solenemente: é tempo de nos sentarmos a uma mesa e debater todos os problemas de interesse comum. Apesar de todas as dificuldades anteriores, o PCP está pronto a cessar a polémica pública nos termos em que ela se tem desenvolvido e a estabelecer formas de cooperação com o PS. Mas não se pode perder tempo. Hoje é possível. Se a situação se deteriora, dentro de dias pode ser extraordinariamente mais difícil.

Nós ouvimos aqui uma saudação enviada para a mesa pelos nossos convidados da Juventude Socialista. Eu crejo que é uma saudação em termos amistosos e que temos razão de estar satisfeitos com o facto dos socialistas presentes a este Encontro terem entendido dever enviar essa saudação aos jovens comunistas.

Todos nós sabemos das dificuldades surgidas, em centros operários e em escolas, entre os jovens comunistas e as juventudes socialistas. Há dificuldades reais. Não devemos ignorá-las. Não é de um momento para o outro que se podem atirar todos os factos, todos os acontecimentos graves para trás das costas. Mas pergunta-se: há alguma diferença de interesses entre um jovem trabalhador comunista e um jovem trabalhador socialista? Não há qualquer diferença de interesses. Os interesses são os mesmos e, bem vistas as coisas, os seus objectivos de classe são os mesmos e as suas aspirações são

Não estarão interessados, tanto os jovens trabalhadores comunistas como os jovens trabalhadores socialistas em juntarem os seus esforços na luta contra a exploração? Não estarão interessados em iuntarem os seus esforcos na luta contra os monopólios, em juntarem os seus esforços nos campos na luta contra os latifundiários?

Seja o que for que pensem os jovens socialistas, essa identidade de classe existe e nada pode destruí-la. E não apenas em relação aos jovens socialistas. Os interesses da classe operária são os mesmos, os seus objectivos, os objectivos da luta de classe são os mesmos, seja o que for que pense cada operário individualmente considerado.

Cabe-vos a vós, à União da Juventude Comunista, dar resposta aos jovens socialistas. Mas creio que não deixareis de considerar toda a necessidade, ao nível das empresas, ao nível dos sindicatos, assim como nos campos, de encarar todas as possibilidades de unir a juventude trabalhadora na luta contra os inimigos comuns.

As relações entre comunistas a socialistas

Naturalmente que o problema da unidade entre socialistas e comunistas não é apenas das juventudes, é também dos partidos. E assim, como acabo de dizer palavras favoráveis à unidade entre as juventudes socialistas e comunistas, também se pode lembrar que em alguns casos certas divergências e certos ataques do Partido Socialista ao Partido Comunista foram feitos através das or-

ganizações da Juventude Socialista, em centros industriais e em algumas escolas. Isso é sabido. Portanto será possível e necessário, se houver uma troca de impressões entre jovens comunistas e socialistas, examinar todos esses problemas e ver em que medida as coisas se podem modificar no futuro.

Se se pudessem modificar, haveria razões para todos ficarmos satisfeitos. Mais ainda: em relação ao Partido Socialista, se vós me permitis, eu aproveitaria a ocasião única de ouvir esta mensagem tão

fraterna de socialistas dirigida a comunistas (coisa que já há muito trabalhadora, a UJC assim o compreenderá e actuará de forma cornão ouvia) para, com a vossa permissão, pedir aos nossos amigos, e digo nossos amig s porque se escreveram sinceramente aquela mensagem de nossos amigos se trata, de transmitir ao seu artido o ambiente unitário e fraternal vivido no Encontro da Juventude Comunista, e de dizerem ao seu Partido que os convidados do PCP a este Encontro da Juventude Comunista expressaram o propósito de o Partido Comunista se encontrar com o Partido Socialista a fim de examinar todos os problemas de interesse comum e ver se sim ou não é possível chegar a uma cooperação com vista ao futuro de Portugal

A classe operária, os camponeses, as massas populares não po-dem ficar paradas à espera dos acontecimentos. O reforço rápido da organização, a realização de muito amplas assembleias para debater os problemas e encontrar soluções, a continuação dos esforços para fazer andar empresas em dificuldades e cultivar campos abandonados, a reclamação ao patronato e ao Governo das medidas consideradas necessárias são algumas das formas como pode ter lugar a in-

No momento que vivemos, dada a intensidade da provocação reaccionária, é particularmente perigosa a deterioração da situação social. Neste momento, uma vaga de greves e manifestações só à reacção poderia aproveitar.

O PCP confia na consciência de classe e na elevada noção da responsabilidade dos trabalhadores e está certo que as manobras reaccionárias (incluindo as dos esquerdistas) serão isoladas e ven-

Tarefas da juventude

É nesta situação extraordinariamente complexa que se cria a União da Juventude Comunista. A complexidade da situação indica por si só a complexidade das tarefas que esperam a nova organização,

As tarefas fundamentais da Juventude Comunista decorrem das tarefas gerais que se colocam à classe operária e ao Partido. Conforme proclamação que

será discutido e aprovado neste Encontro, a luta da Juventude Comunista terá três grandes direcções: a) a luta em defesa dos interesses vitais de classe da juventude

trabalhadora; b) a luta em defesa da liberdade e para a construção de um

Portugal democrático; c) e a luta pelo socialismo e o comunismo.

Trata-se na verdade dos grandes problemas que a juventude trabalhadora enfrenta no momento presente.

É necessário intensificar a luta contra os despedimentos, contra o desemprego, contra as discriminações profissionais e salariais que atingem os jovens trabalhadores.

É necessário intensificar a luta pelo direito ao ensino e à cultura. pelo direito ao desporto e aproveitamento dos tempos livres.

É necessário intensificar a participação da juventude trabalhado:a na luta política que o povo português trava para a construção de um novo Portugal democrático, um Portugal em que o povo usufrua das mais amplas liberdades e que, liberto do poder económico dos monopólios e dos latifundiários, permita a elevação do nível de vida material e cultural das massas trabalhadoras.

É necessário apresentar constantemente à juventude trabalhadora a perspectiva mais ampla da actual luta pela democracia, a perspectiva do futuro Portugal socialista.

A nova situação política democrática obriga a considerar a uma nova luz alguns conceitos e formas de comportamento.

É o que sucede com a atitude da juventude comunista em relação ao trabalho, ao estudo e ao manejo das armas.

EM RELAÇÃO AO TRABALHO, é evidente que a juventude trabalhadora, assim como a classe operária em geral não está interes-sada em trabalhar mais em benefício dos capitalistas, mas tão pouco está interessada em que a intensidade e a produtividade baixem tanto que a economia portuguesa seja conduzida a um colapso. Por isso, nas fábricas e nos campos, os próprios trabalhadores estão in-teressados em assegurar que os trabalhos se desenrolem normalmente, que os horários se cumpram, que se não introduza uma indisciplina generalizada que conduza a maiores dificuldades na produção na-

A nova atitude em relação ao trabalho coloca-se já hoje onde o Estado intervém e onde os capitalistas desaparecem total ou par-

No novo Portugal democrático, que com tantas dificuldades vamos delineando, surgem novas situações, em empresas e em hérdades, onde os trabalhadores e o Estado tomaram conta da direcção do processo de produção. Isso passa-se em certos ramos de empresas nacionalizadas e em herdades abandonadas tomadas pelos trabalhadores

Nas fábricas e nos campos, os trabalhadores têm dado extraordinários exemplos de dedicação, de trabalho abnegado em defesa dos seus interesses e em defesa dos interesses da economia nacional. Nunca como nos últimos meses se mostrou à evidência, nos próprios factos, que os interesses dos monopólios e dos latifundiários são contrários aos interesses do País, e que os interesses das classes trabalhadoras se identificam inteiramente com os interesses nacionais.

Nos casos dessas empresas e dessas herdades, os jovens comunistas têm o dever de trabalhar esforçadamente para que a empresa ou herdade sejam economicamente viáveis e assegurem trabalho regular.

Nas primeiras cooperativas ou herdades do Estado, ou empresas do Estado com gestão mista dos trabalhadores, os jovens comunistas devem dar exemplos de trabalho esforçado, trabalhando mesmo mais do que anteriormente, aceitando se necessário ganhar menos, por-



que do êxito ou da derrota dessa empresa ou cooperativa pode depender em larga medida o êxito da luta antimonopolista e antilati-O Portugal democrático caminhando para o socialismo não se

poderá construir trabalhando menos, mas sim, na medida em que reformas são efectuadas, trabalhando mais. Estamos certos de que a vanguarda revolucionária da juventude EM RELAÇÃO AO ESTUDO, problema semelhante se coloca. Para

construirmos um Portugal democrático, para desenvolvermos a indústria e a agricultura, necessitamos de quadros técnicos bem preparados. Uma parte importante dessa preparação é alcançada na escola, mesmo que o ensino não esteja ainda convenientemente organizado nem convenientemente orientado.

As escolas que custam milhões de contos ao País são para estudar e não para serem terreno permanente de intermináveis discus-sões, de assembleias coagidas por grupos provocatórios, de golpes de mão, de agressões e espancamentos.

A situação é diferente nas escolas técnicas, frequentadas por trabalhadores-estudantes e nas universidades, frequentadas na esmagadora maioria por estudantes oriundos das classes burguesas, muitos deles trazendo, como selo de origem, o amor pela ociosidade e o

Os jovens comunistas têm o dever de estudar estorçadamente fim de aprenderem e de conseguirem melhorar os seus conhecimentos, de se tornarem quadros aptos às suas tarefas profissionais.

O novo Portugal democrático caminhando para o socialismo não se poderá construir estudando menos, mas estudando mais. Finalmente, EM RELAÇÃO COM O MANEJO DE ARMAS.

No tempo da guerra colonial, o PCP apelou para a resistência activa e passiva dos militares, oficiais e soldados contra a guerra. Apelou especialmente para a deserção.

A situação política modificou-se, a guerra colonial acabou. A atitude dos jovens em relação com o serviço militar modificou-se tam-

Os jovens comunistas devem prestar serviço militar com a consciência de que o Portugal democrático em formação, assim como pre-cisa de bons trabalhadores, precisa de bons soldados.

Pela nossa parte, tudo faremos para que a revolução portuguesa prossiga sempre com o cravo na espingarda. As forças políticas responsáveis , a classe operária, as massas populares, estão profundamente interessadas em que assim suceda.

Infelizmente, a reacção não tem os mesmos sentimentos nem os mesmos escrúpulos, nem os mesmos propósitos. País que faz uma revolução sem tiros e inicia transformações

políticas e sociais profundas, país ameaçado pelas forças reaccionárias que ficaram praticamente intactas, necessita de cuidar da sua defesa interna e externa.

Os jovens comunistas deverão no serviço militar aprender seriamente o manejo das armas e estar nas primeiras linhas como soldados aptos ao combate.

Os jovens comunistas devem aprender o melhor que possam o manejo das armas a fim de serem bons soldados nas Forças Armadas portuguesas educadas pelo heróico MFA.

A juventude comunista tem grandes tradições no movimento revolucionário português.

Nas duras condições do fas-cismo, em que a luta revolucio-nária exigia forte tempera para as dificuldades e os perigos, a juventude encontrou-se sempre ao longo dos anos nas primeiras

Nas lutas nas fábricas e nos campos, os jovens trabalhadores encontraram-se sempre nas primeiras filas.

Aos jovens foram sempre confiadas tarefas de perigo e jovens comunistas foram constantemente chamados pelo seu Partido para substituir camaradas presos ou assassinados.

Os jovens revolucionários, rapazes e raparigas, desempenharam tarefas de grande confiança e responsabilidade, e mostraram ser merecedores da confiança que o Partido neles depositou.

Há jovens, rapazes e raparigas, que a partir dos 13 e 14 anos entregaram ao Partido e à luta clandestina as suas vidas. Há jovens que asseguraram os serviços de tipografías clandestinas, tarefas técnicas da mais alta responsabilidade. Há jovens que souberam sofrer de boca cerrada cruéis e prolongadas torturas, souberam defrontar de cabeça erguida os tribunais fascistas e suportar longas condenações Muitos jovens souberam morrer assassinados pelo inimigo fascista dando as suas vidas pela causa da liberdade, do socialismo e do

A classe operária e a sua vanguarda revolucionária, o PCP, têm justo motivo de orgulho nos jovens comunistas, muitos dos quais

Muitos dos nossos camaradas do Partido militaram nas juventudes comunistas e ai fizeram a sua aprendizagem revolucionária.

Muitos de vós, jovens comunistas a quem coube a honra de organizar os trabalhos preparatórios da criação da UJC, a União da Juventude Comunista, e que ireis militar nela, passásteis anos na clandestinidade, fostes presos, fostes submetidos à tortura, fostes

Tendes a experiência do Partido, a experiência de quadros jovens comunistas com muitas provas dadas, e a experiência crescente de todos quantos dia a dia engrossam as suas fileiras.

Tendes a juventude de hoje, os milhares e milhares de jovens trabalhadores que a liberdade trazida pela 25 de Abril despertou para a vida política, e que sob a bandeira do Partido da classe operária, voltados para o futuro, entram na batalha com entusiasmo, coragem, confianca e decisão.

A força assenta na unidade

Voltados

para o futuro

Este 1.º Encontro poderá talvez surpreender alguns observadores pela pressa da iniciativa e pela improvisação de alguns aspectos de preparação política e de organização. Não é caso para nos afligirmos, camaradas. Este 1.º Encontro é um extraordinário sucesso e terá uma decisiva influência no desenvolvimento da organização e da luta da juventude trabalhadora. Hoje, 9 de

Março, marca o ponto de arranque. Quando realizardes o 1.º Congresso da UJC, e esperamos que não estará muito longe, sereis então (estaremos certos) uma grande organização estruturada tendo consigo grandes massas da juventude trabalhadora.

O Partido confia em vós, confia em que a União da Juventude Comunista educará os seus membros na fidelidade aos principios do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário. Confia em que reforçará os laços de estreita amizade e cooperação com a juventude da União Soviética e de outros países socialistas e com a juventude dos outros países ainda submetidos ao jugo do capital. Confia em que reforçará os laços de estreita amizade e coperação criados no tempo das guerras coloniais entre a juventude portuguesa e a juventudo do novo Estado da Guiné-Bissau, de Moçambique, de Angola, de Cabo Verde, de S. Tomé e Principe e de Timor, laços de amizade e cooperação que podem e poderão traduzir-se no quadro das relações entre o novo Portugal democrático e os novos Estados inde-

O Partido confia em vós, confia em que a União da Juventude Comunista será uma escola revolucionária e um viveiro de quadros comunistas. Confia em que educará os seus membros na dedicação ilimitada à causa do povo trabalhador de Portugal. Confia em que na UJC será sempre arvorada e levantada bem alto a bandeira do proletariado revolucionário, a bandeira do PCP, a gloriosa bandeira vermelha com a foice e o martelo.

A UJC será a união dos militantes de vanguarda dos operários e camponeses, dos jovens trabalhadores de Portugal.

A nova organização não será como alguns grupos pseudo-revolucionários constituídos por filhos de burgueses que deixam à esquina os Porches e os Jaguares para irem vestir o fato de ganga e falar em nome do proletariado A juventude presente neste Encontro, é bem o próprio sangue

e a própria vida da classe trabalhadora. As raízes da UJC estão já profundamente seguras na terra fecunda e criadora, que é a classe trabalhadora das cidades e dos campos de Portugal

É necessário manter sempre bem firmes essas raízes de classe, nunca deixando que o burocratismo e o espírito de aparelho enfraqueçam os laços da vanguarda com as massas da juventude traba-É necessário manter sempre presente que a força da juventude

trabalhadora assenta na sua unidade, nunca deixando que o sectarismo feche, limite e prejudique o alargamento da acção das massas

Viva a unidade da juventude trabalhadora na luta pela construção em Portugal de um regime democrático a caminho do

Viva a unidade da juventude portuguesa!

Viva a União da Juventude Comunista! Viva o Partido Comunista Portuguâs!